



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

JULIANA ANDRADE DA SILVA

**O CUIDAR DE SI E SUAS DIVERGÊNCIAS NO DEVIR PROFESSOR COM A
REALIDADE ATUAL, O ENSINO REMOTO**

Caruaru

2021

JULIANA ANDRADE DA SILVA

**O CUIDAR DE SI E SUAS DIVERGÊNCIAS NO DEVIR PROFESSOR COM A
REALIDADE ATUAL, O ENSINO REMOTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Moura Queiroz

Caruaru

2021

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Nasaré Oliveira - CRB/4 - 2309

S586c Silva, Juliana Andrade da.
O cuidar de si e suas divergências no devir professor com a realidade atual, o ensino remoto. / Juliana Andrade da Silva. – 2021.
54 f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Simone Moura Queiroz.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2021.

Inclui Referências.

1. Diferença (Filosofia). 2. Cartografia. 3. Educação – Matemática.
4. Professor - Formação I. Queiroz, Simone Moura (Orientadora). II
Título.

CDD 371.12 (23. ed.)

UFPE (CAA 2021-301)

JULIANA ANDRADE DA SILVA

**O CUIDAR DE SI E SUAS DIVERGÊNCIAS NO DEVIR PROFESSOR COM A
REALIDADE ATUAL, O ENSINO REMOTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

Aprovada em: 13/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Simone Moura Queiroz (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Girleide Torres Lemos (Banca Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Nélio Vieira de Melo (Banca Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho aos meus pais, **Joaquim e Terezinha** que, diante de todas as dificuldades, sempre lutaram para que eu e meu irmão chegássemos até aqui.

AGRADECIMENTOS

Emocionada e imensamente feliz, louvo e agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui. Nossos sonhos, quando condizem com a vontade do Senhor, realizam-se no momento certo e perfeitamente. Em meio a tantas lutas, cansaço e lágrimas, a sensação de mais uma etapa concluída é indescritível.

Sou eternamente grata à minha família por todo o apoio durante essa jornada, meus pais, **Joaquim e Terezinha**. Analfabetos e agricultores, mas, com toda humildade e simplicidade, lutaram para que meus estudos sempre fossem prioridade, meus maiores incentivadores. Ao meu irmão, **Júlio César**, por todo estímulo e por ser exemplo de ousadia para conquistar os sonhos. Às minhas primas, **Maria José, Sônia, Lourdes e Cida**, que sempre torceram por minhas conquistas e me apoiaram. Vocês fazem toda a diferença na minha vida, são inspirações e exemplos que procuro sempre seguir.

À minha estimada/querida orientadora, Profa. Dra. **Simone Moura Queiroz**; sua frase “Não vou desistir de você.” fez toda a diferença em minha vida. Entre tantos altos e baixos, problemas e dificuldade, ela estava ali, uma excelente profissional, muito humana, atenciosa e incentivadora, disposta a lutar junto comigo neste novo mundo ao qual estava adentrando. Obrigada por tudo **Simone**, sempre terá minha admiração.

À minha grande amiga, **Aparecida Santana**, como sempre disse: a irmã que a Universidade me deu. Foram muitas lágrimas, aflições e lutas, mas sempre estive junto comigo nos melhores e piores momentos. Aos meus colegas do programa. Às minhas colegas orientandas, **Brenda, Amital e Raianne**, por tantos momentos, foram muitas risadas e aprendizados juntos. Aos colegas do Grupo de Pesquisa Diferença. À **Cida Alves**, por sua grande amizade e torcida. Agradeço a **Aurinete**, uma colega que encontrei no carro de lotação ao vir do processo de seleção do mestrado, que me deu palavras positivas e incentivadoras, mostrando que tudo poderia dar certo, enquanto me encontrava desanimada e triste. E hoje podemos ter a certeza de que deu certo.

A todos os docentes que caminharam comigo nessa jornada, aos membros da banca por toda contribuição oferecida, aos participantes da minha pesquisa, o meu público alvo. À minha amiga **Érica**, pelas orações de sempre. Aos meus amigos e colegas de trabalho, pela torcida contínua.

Enfim, a todos que fizeram parte dessa jornada junto a mim, de uma forma direta ou indireta, minha eterna gratidão; cada palavra, cada gesto ficarão guardados em minha memória e no meu coração. Deus abençoe a todos.

“Tudo posso naquele que me fortalece.” (Filipenses 4: 13)

RESUMO

Esta pesquisa vem, em consonância com a Filosofia da Diferença, estudar a relação entre dois campos: a Filosofia da Diferença com a Educação, mediante o questionamento: Como as práticas relacionadas ao cuidado de si poderiam contribuir para o devir professor? Nosso objetivo é apresentar discussões de alguns professores dos quatro níveis de educação, no que se refere ao Cuidar de Si no seu devir professor, baseado em algumas obras de Foucault (2006, 2009, 2011, 2013, 2014). Partimos das leituras de Tartaro, Cavamura e Souza (2014), Queiroz (2015), Gallo (2000), Schopke (2009), Silva et al. (2013), Passos, Kastrup e Escóssia (2010), dentre outros, diante do cenário pandêmico ao qual toda população se deparou desde a chegada do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19). Utilizamos a cartografia como metodologia para observarmos, por meio das experiências apresentadas pelos sujeitos, alguns de seus territórios existenciais, verificando suas discussões a respeito da articulação de seu dia a dia em sala de aula com o cuidado de si durante esse período do ensino remoto. Os sujeitos da pesquisa são docentes com graduação em Matemática ou em Pedagogia. Foi realizada uma entrevista, por meio da plataforma Meet, sendo áudio-gravada. Acreditamos na relevância dessa pesquisa por proporcionar ao leitor o conhecimento da importância do Cuidar de Si socrático em nosso devir e no quanto este cuidado pode contribuir com o campo educacional por meio dos profissionais aqui apresentados.

Palavras-chaves: filosofia da diferença; cartografia; educação matemática; práticas de si.

ABSTRACT

This research comes, in line with the Philosophy of Difference, to study the relation between two fields: the Philosophy of Difference with Education, through the question: How could practices related to self-care contribute to becoming a teacher? Our objective is to present discourses by some teachers from the four levels of education, about the Self Care in their becoming a teacher, based on some works by Foucault (2006, 2009, 2011, 2013, 2014). From the readings of Tartaro, Cavamura and Souza (2014), Queiroz (2015), Gallo (2000), Schopke (2009), Silva et al (2013), Passos, Kastrup and Escóssia (2010), among others, in face of pandemic scenario that the entire population faces since the arrival of the new coronavirus. We will use cartography as a methodology, to observe, through the experiences presented by the subjects, some of their existential territories, verifying their discussions about the articulation of their daily life in the classroom with self-care, during this period of remote teaching. The research subjects are teachers with a degree in Mathematics or Pedagogy. An interview was conducted, through the Meet platform, with audio being recorded. In view of this, we believe in the relevance of this research, to provide the reader with knowledge of the importance of Socratic Self-Care, in our future and how this care can contribute to the educational field, through the professionals presented here.

Keywords: philosophy of difference; cartography; mathematics education; self-practices.

SUMÁRIO

1	AS QUATRO ESTAÇÕES	10
2	MUDARAM AS ESTAÇÕES E NADA MUDOU	15
3	PRIMEIRA ESTAÇÃO - VERÃO	16
3.1	Filosofia da diferença desconstruindo	16
4	SEGUNDA ESTAÇÃO: PRIMAVERA	21
4.1	Formação de professor & devir professor de Matemática.....	22
5	TERCEIRA ESTAÇÃO – INVERNO	27
5.1	Os conflitos no dispositivo sala de aula.....	27
6	QUARTA ESTAÇÃO – OUTONO.....	32
6.1	Esboço de uma cartografia	37
6.1.1	<i>Encontro no shopping ... praça de alimentação ... conversa</i>	<i>37</i>
7	MOVIMENTO DE TRANSLAÇÃO	48
	REFERÊNCIAS.....	51

1 AS QUATRO ESTAÇÕES

Adentrar a Filosofia da Diferença é viver a translação do movimento da Terra em torno do sol, deparando com suas principais consequências, que são as estações do ano. As mudanças das estações trazem consigo a variação do clima, do tempo, da temperatura e temos de lidar com isso. Quando estamos adaptados a uma estação, vem outra, precisando readaptarmo-nos e assim vai. Reterritorializar em um lugar desconhecido não é fácil, embora, muitas vezes, seja necessário ir ao encontro do novo, fazendo experiências novas, conhecer o que está fora da nossa rotina.

E foi assim o que aconteceu; adentrei na Filosofia da Diferença, experiência única, que resultou nesta pesquisa. Desafios? Muitos. Foram muitos contratemplos, principalmente durante as mudanças climáticas vindas sobrecarregadas de conceitos novos, que nos tiravam da zona de conforto, das nossas verdades. Mas, depois das ventanias, das tempestades, dos dias frios ou de muito calor, continuávamos seguindo, nos permitindo experimentar diferentes reflexões e ações, que proporcionaram novas histórias a serem narradas.

Adaptar-se ao “[...] mundo que chamo de ‘líquido’ porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo.” (BAUMAN, 2011, p.01, grifo do autor), requer uma exigência muito grande do nosso ser e fazer, principalmente no dispositivo sala de aula. Saber lidar com as mudanças, a correria, a diversidade, a demanda de informações e exigências não é fácil, principalmente no ambiente de trabalho. Seja qual for o trabalho em que estamos inseridos, as exigências por muitas vezes nos levam a um labirinto, em que, ao percorrê-lo, nos defrontamos com várias barreiras e armadilhas que nos impedem de encontrar a saída que existe, deixando-nos cansados, desmotivados, desgastados e por muitas vezes desacreditados.

Encontrar um lugar, quando se está perdido não é fácil, mais difícil ainda, para nós, seres humanos, é nos encontrarmos quando perdidos em nós mesmos. É difícil buscar soluções, quando não as vemos, mesmo elas estando ali. Sendo assim, é necessário mudar de rota. Mas, para toda mudança acontecer, fazem-se necessários também o despertar do desejo, a força de vontade e a determinação, acreditando que podemos, que somos capazes de vencer os desafios em que por muitas vezes nos encontramos durante nosso devir professor.

Sendo assim, segundo Gallo (2000), a Filosofia deve vir não para refletirmos sobre os questionamentos, mas para construirmos conceitos a seu respeito, por meio do novo e de ideias inexistentes. As realidades em sala de aula vivenciadas ou apresentadas em diversas pesquisas

nos mostram que não há “o” caminho a ser seguido, “a” metodologia de ensino que dará conta de todos contextos, “o” perfil/postura docente que se encaixe em todas as salas de aula, “o/a” aluno/aluna ideal, que sirvam de molde para todos/todas os/as demais. É afastando-se desta ideia de Uno, de universal, de homogeneização, que deparamos com este movimento “transversalizante” ocasionado pela junção da Filosofia da Diferença com a Educação.

Esta pesquisa nos conduziu pelos caminhos expressos, por meio das reflexões de alguns sujeitos da Educação (graduados na licenciatura de Matemática e em Pedagogia), que nos oportunizaram perpassar seu devir docente. O que nos motivou a escolher docentes da disciplina de Matemática foi por esta ser considerada uma das disciplinas difíceis pelos discentes. E também pelo desafio que os professores enfrentaram no ano de 2020, com a chegada do novo coronavírus – SARS-CoV-2 (Covid-19).

O fracasso do ensino de Matemática e as dificuldades que os alunos apresentam em relação a essa disciplina não é um fato novo, pois vários educadores já elencaram elementos que contribuem para que o ensino da matemática seja assinalado mais por fracassos do que por sucessos. (VITTI, 1999, p. 19).

Além do mais, o professor suporta um volume de tarefas muito grande, que se inicia em casa com: planejamento de aula, pesquisas, estudos, criações de novas metodologias e correção de atividades. Dá-se a vivência de trabalhar os conteúdos na sala de aula e depois as atividades correlacionadas retornam para casa novamente. Essa rotina leva alguns ao desgaste emocional e psicológico, fazendo-os, muitas vezes, perderem o prazer de exercer sua profissão, passando a vê-la como uma obrigação a ser cumprida.

E esse cenário concretizou-se em grande dimensão e em alto nível a partir do ano de 2020, com a chegada do novo coronavírus já referido, que atingiu mais de quarenta milhões de pessoas em todo o planeta e tirou a vida de mais de um milhão de pessoas. No Brasil, não foi diferente; com a lastimosa crise sanitária, várias pessoas foram contaminadas e chegaram a óbito. O cenário poderia ter sido diferente, pelo fato de ter um dos maiores sistemas de saúde pública do mundo, se os poderes públicos tivessem investido no Sistema Único de Saúde (SUS).

O governo Bolsonaro não apenas foi omissos e irresponsável, como pode ser classificado como genocida, pois nem mesmo aplicou os recursos aprovados pelo Congresso Nacional destinados ao combate ao novo coronavírus; desperdiçou mais de 1,5 milhão de reais do dinheiro público investindo na ampliação da produção de cloroquina pelo Laboratório Farmacêutico do Exército. Sendo este medicamento sabidamente ineficaz ao tratamento da Covid-19; tratou a pandemia com pouco caso, desrespeitando normas sanitárias e minimizando a gravidade da doença; (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 37).

Diante do quadro de rápida disseminação do vírus, os governos estaduais e municipais adotaram o isolamento social para a população como um método de prevenção. Posto isso, comércios, indústrias e serviços tiveram suas rotinas transformadas, principalmente as escolas, que no início do ano letivo tiveram suas aulas presenciais suspensas.

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet. (AGÊNCIA SENADO, 2020).

Incluindo Institutos Federais de Ensino, todas elas adotaram o “ensino” remoto, em que as aulas começaram ser vivenciadas dentro da casa dos professores e alunos. Docentes depararam com uma nova realidade, que exigiu deles habilidades que não tinham.

Diante dessa reflexão, nos questionamos sobre o impacto positivo que as práticas de si (FOUCAULT, 2006) e o cuidado de si (FOUCAULT, 2009) poderiam ter na vida desses docentes. Existem interpretações históricas variadas sobre o que seria e como seria o Cuidado de Si (FOUCAULT, 2011, 2013, 2014) e nesta excursão feita, adentramos à Filosofia da Diferença, utilizando-nos de alguns referenciais foucaultianos. Enfrentamos ventos favoráveis e contrários, que ao final nos conduziram por outros caminhos, todavia visamos responder ao seguinte problema de pesquisa: Como as práticas relacionadas ao cuidado de si poderiam contribuir para o devir professor de Matemática?

A pesquisa contou com as contribuições de diversos autores; entre eles estão: Tartaro, Cavamura e Souza (2014), Queiroz (2015), Gallo (2000), Schopke (2009), Silva, et al. (2013), Passos, Kastrup e Escóssia (2010), informações da Agência Senado 2020, dentre outros. O objetivo geral dessa pesquisa é apresentar discussões de alguns professores dos quatro níveis de Educação no que se refere ao Cuidar de Si no seu devir professor, baseado em algumas obras de Foucault (2006, 2009, 2011, 2013, 2014). São estes nossos objetivos específicos:

- Observar a relação do Cuidado de Si trazido por Foucault em suas aulas (discussões);
- Articular o Plano de Imanência da Filosofia da Diferença com a Educação;
- Verificar as discussões dos sujeitos da pesquisa a respeito da articulação de seu dia a dia de sala de aula com o cuidado de si durante esse período do ensino remoto.

A pesquisa traz quatro estações. A primeira estação: **Verão**, relatarei a experiência do primeiro contato com a teoria, em seguida “A Filosofia da Diferença Desconstruindo...”, iremos

abordar sobre o que seria a Filosofia da Diferença, destacando o que seria essa Diferença. Silvio Gallo (2008) é um dos autores que nos auxiliará nessa viagem, com seus estudos baseado em Gilles Deleuze, possibilitando-nos conhecer outros caminhos, que muitas vezes estão na contramão do nosso pensar, nosso achar, retirando-nos da nossa zona de conforto e fazendo-nos mergulhar em territórios desconhecidos. São caminhos que trazem a transversalidade entre Filosofia e Educação.

A filosofia é, pois, um esforço de luta contra a opinião, que se generaliza e nos escraviza com suas respostas apressadas e soluções fáceis, todas tendendo ao mesmo; e luta contra a opinião criando conceitos, fazendo brotar acontecimentos, dando relevo para aquilo que em nosso cotidiano muitas vezes passa despercebido. A filosofia é um esforço criativo. (GALLO, 2000, p. 60).

Temos dois “Plano de Imanência”, dialogamos com duas teorias: A Filosofia da Diferença e a Educação. Vale ressaltar que a Filosofia da Diferença não tem um estudo específico na área da Educação, então essa pesquisa nos ajudou a fazer uma articulação entre essas duas teorias, enriquecendo ainda mais o campo educacional.

É urgente, portanto, que busquemos uma filosofia da educação criativa e criadora, que não seja tão inócua. Ela deve ser perigosa, deve ser o veneno e o remédio. É necessário que corramos o risco, que mergulhemos nesse caos povoado de opiniões. (GALLO, 2000, p. 64).

A segunda estação – **Primavera** - trata do surgimento ao interesse da pesquisa, como foi organizada e apresenta discussão sobre a Formação de Professores & Devir Professor de Matemática. Nesse capítulo, abordamos a transição da formação de professores para o devir professor, o que alguns autores como Tartaro, Cavamura, Souza (2014) e Queiroz (2015) falam sobre a inexistência da formação de professores, o que as licenciaturas abordam e a existência do devir professor por meio da Filosofia da Diferença, com a discussão do Cuidar de Si, que é um dos fatores que contribuem para a seguinte conclusão. “[...] entendemos não ser possível haver formação onde aquele que forma – o professor da Licenciatura em Matemática - não cuida de si mesmo.” (TARTARO; CAVAMURA; SOUZA, 2014, p. 2).

Na terceira estação – **Inverno** -, comenta-se sobre o desespero e a aflição da pesquisa que não deu certo, bem como “Os conflitos no dispositivo sala de aula”, apresentando a dificuldade que a Educação e todos que fazem parte dela enfrentaram na fase mais crítica da Covid-19 durante o ano de 2020. Fala-se no desgaste emocional dos professores que, com o aumento do trabalho, das cobranças e adaptações, enfrentaram problemas psicológicos pelo fato de se sentirem sobrecarregados, sem tempo até para si.

Na quarta estação – **Outono** -, encontra-se o fruto da pesquisa. A trajetória de toda pesquisa, público alvo e análise dos dados. A pesquisa teve abordagem qualitativa e explorativa, aconteceu por meio de encontros, com docentes de Matemática e Pedagogia. Por via de uma entrevista via aplicativo Meet, fizemos nossa produção de dados, de inspiração cartográfica para que pudéssemos mergulhar com mais intimidade nas experiências do sujeito. Espera-se que esse trabalho traga contribuições para o campo educacional, em especial, para os docentes durante o seu devir, inspirando o leitor a refletir principalmente sobre si.

2 MUDARAM AS ESTAÇÕES E NADA MUDOU

Mudaram as estações, nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente
Se lembra quando a gente chegou um dia acreditar
Que tudo era pra sempre, sem saber
Que o pra sempre, sempre acaba...
(Música: Mudaram as estações/ Rato)

A cada estação, mudanças acontecem; com o tempo, as folhas caem, depois nascem outras, vem o período de colheita dos frutos, a temperatura esfria, depois esquentando, o clima muda, ventanias, chuvas fortes, sol com toda intensidade, mas há um detalhe, os caules das árvores permanecem, as pessoas daquele local mantêm-se, como os imóveis, automóveis, ruas, avenidas e quarteirões. Enfrentando todas as mudanças de todas as fases.

Desenvolver uma pesquisa não é nada fácil, é enfrentar estações. As ideias vão surgindo, mas colocá-las entre linhas requer muita reflexão e pensamentos, até chegar à segurança de que aquele caminho é o “certo”. E se não for o certo? É necessário recomeçar. Mas que seja o caminho desejado.

Esta pesquisa passou por estações. Quando encontrou o caminho, os dias ensolarados do verão seguiam em frente até que foram interrompidos por uma camada de massa de ar frio, ou seja, a pesquisa que parecia ser “perfeita” não deu certo, surgindo assim o inverno, a estação mais fria. Desprevenida, surge o medo, com os ventos fortes e as tempestades que batiam na porta. O que fazer? Como fazer? Mas toda tempestade passa, e os dias ensolarados sempre chegam, as reflexões continuaram, com mais intensidade e vigor, o sol foi abrindo e o verão chegou. Apresentaremos essas mudanças de estações que ocorreram na pesquisa e todo percurso seguido.

3 PRIMEIRA ESTAÇÃO - VERÃO

Iniciei o desenrolar desta pesquisa no momento em que cursei a disciplina Filosofia da Diferença e Educação Matemática no nono período da graduação¹.

Foi o primeiro contato com a teoria e, em seguida, comecei a fazer parte do Grupo de Pesquisa Diferença em 2017, sob a direção da Profa. Simone Moura Queiroz, na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, unidade Centro Acadêmico do Agreste – CAA. O grupo existe até os dias atuais, com o objetivo de estudar o devir professor, deixando-se capturar pela multiplicidade agenciadora dos discursos proferidos pelos filósofos da Diferença, por meio de sua vasta literatura, entre eles, Foucault, Deleuze, Guatarri, Rolnik, associando o Ethos (desejo e subjetivação) ao socrático Cuidado de Si, tendo a Educação (Matemática) como pano de fundo para tais estudos.

3.1 Filosofia da diferença desconstruindo ...

Vivemos em um mundo formado por verdades absolutas, que definem o certo e o errado, o incluído e o excluído, o igual e o diferente e assim procede. A Filosofia da Diferença nos ajuda a refletir sobre a inexistência de uma verdade única. Ela nos leva a uma viagem, onde o caminho a ser percorrido é o sujeito, observando que mesmo tendo sua singularidade, também abriga sua multiplicidade.

Segundo Gallo (2000), para se fazer Filosofia, é necessário retornar ao passado para a formação do novo, afinal, a Filosofia trata do mundo. Mundo este existente há milhões de anos e que tem a contribuição de vários filósofos na construção de sua história. A construção dos conceitos não acontece do nada, acontece por meio de outros conceitos existentes, por uma inquietação, um problema, permitindo o encontro das ideias. Produz uma história e o surgimento do novo que está sendo criado.

Em outras palavras, só se produz na solidão da interioridade, mas ninguém produz do nada, no vazio. A produção depende de encontros, encontros são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo. (GALLO, 2000, p. 50).

¹ Disciplina eletiva de 60h ofertada no curso de licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA, pela Profa. Dra. Simone Moura Queiroz.

Baseado nos estudos de Deleuze, o pesquisador Gallo (2000) nos faz refletir que a filosofia de Deleuze baseia-se no tempo presente, em que as coisas acontecem, focando nos detalhes, trabalhando a multiplicidade do sujeito, que leva a reflexões de conceitos, gerando outros conceitos. É importante observar o que o sujeito está vivendo no tempo atual. Mas, para que esses novos conceitos sejam criados, faz-se necessária a assinatura do construtor, chamado de personagem conceitual. “É o personagem conceitual, o heterônimo, portanto, que acaba sendo o sujeito da filosofia, [...]” (GALLO, 2000, p. 58). E a presença do personagem conceitual que são os sujeitos criados pelo filósofo nos conceitos.

Buscam-se certezas e uma única verdade, todavia estas são ilusórias e quando se depara com o caos, ou seja, com as multiplicidades de possibilidades, tenta-se lutar e fugir. Mas não se consegue, porque elas sempre estão presentes em nossas vidas.

A opinião não gosta da multiplicidade, ela busca apenas um sempre-eterno consenso, o reinado do Mesmo, do Absoluto. Para a opinião, é necessário que o pensamento esteja sempre de acordo com as coisas, com a “realidade”, o pensamento não pode, jamais, virtualizar, criar...Em nome da ordem, a opinião quer proteger-nos do caos, fugindo dele, tendo a ilusão de que o domina, de que o vence. Mas o mesmo não se depara com a arte, a ciência e a filosofia. (GALLO, 2000, p. 59).

O papel da Filosofia é sempre viver esta luta contra a opinião, para nos libertar da ditadura do Mesmo, e nos proporcionar o voo, a criação dos novos caminhos, dos conceitos.

Ao trilhar esses novos caminhos, cruzamos com a diferença. O que seria essa “diferença” na visão de Gilles Deleuze? Segundo os estudos de Schopke (2009), a diferença seria tudo aquilo que foge dos padrões, da normalidade. Isso gerou grandes lutas dentro da Filosofia, dando uma visão de negatividade à diferença, como se ela estivesse ali para desfazer ou desqualificar o que é perfeito, correto e pronto.

[...] a filosofia sempre demonstrou ter uma espécie de repulsa por tudo aquilo que se modifica, uma repulsa pelo próprio tempo e pela degradação inevitável que ele acarreta nos seres. Não pode haver ciências daquilo que está em perpétua transformação – assim Platão rejeita o mundo sensível em prol de uma existência imutável (a do mundo das essências). (SCHOPKE, 2009, p. 2).

Deleuze, de acordo com Schopke (2009), lutou em defesa da diferença, tentando mostrar que ela era apenas um objeto de pensamento e o próprio princípio da natureza. Ela não é um objeto físico, ou de nossa sensibilidade, mas algo que só o nosso pensamento pode perceber. Mas para essa reflexão acontecer, é necessário que a razão dê esse espaço, “ [...] rompendo com o modelo representativo e com a sua estrutura absolutamente lógica.” (SCHOPKE, 2009, p. 2). A diferença não está em um grupo ou conjunto de coisas ou pessoas, devido a algumas características que os identificam; afinal, se existem características que identificam membros

de um determinado grupo, isso faz com que, entre seus componentes, elas se tornem iguais. Por que não dizer que a diferença está na singularidade de cada um que faz parte daquele grupo?

No entanto a construção de uma única verdade se faz presente na Educação, quando abordamos o “certo” e o “errado”; isso é muito nítido, principalmente na Educação Matemática, ao repetirmos e afirmarmos que a Matemática é exata. Ao adotar o erro, estamos rotulando aquele que erra, classificando-o, separando-o. Souza (2013) nos leva a um deslocamento, trazendo a ideia de Rizoma para a Educação.

O rizoma seria as multiplicidades que ocorrem no processo do conhecimento, que representam as inúmeras áreas do saber.

A metáfora do rizoma subverte a ordem da metáfora arbórea, tomando como imagem aquele tipo de caule radiforme de alguns vegetais, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenatórios, colocando em questão a relação intrínseca entre várias áreas do saber, representadas cada uma delas pelas inúmeras linhas fibrosas de um rizoma, que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo fora do próprio conjunto. (GALLO, 2003, p. 76).

O rizoma é formado por seis princípios básicos, que o definem como é. Os pontos do rizoma estão conectados uns com os outros. O rizoma é conduzido pela heterogeneidade, é múltiplo e não se reduz à unidade, está sempre sujeito às linhas de fuga, pode ser cartografado e mapeado. O rizoma é uma nova forma de abordagem para o saber, rompendo com toda hierarquização. “[...] – tanto no aspecto do poder e da importância, quanto no aspecto das prioridades na circulação – que é própria do paradigma arbóreo.” (GALLO, 2003, p. 78). Isso faz com que comece o processo de transversalidade entre seus devires, principalmente nas ações interdisciplinares, reconhecendo as multiplicidades da área do conhecimento. No contexto rizomático, a Educação proporciona aos alunos o acesso a toda área do saber, de acordo com o seu interesse, rompendo com as hierarquias em todos os meios educacionais e sociais, dando a liberdade a cada um de viver a contemporaneidade.

No deslocamento Educação e Controle, Gallo (2003) aborda que a educação assume um papel de controle social; esse controle acontece em várias ações, desde os posicionamentos em fileiras das bancas na sala de aula, à localidade da diretoria, dos profissionais que ficam no controle dos alunos, como o mecanismo da disciplinarização. O exercício do poder fica tão explícito na sala de aula, que se algo foge daquelas normas, considera-se que tudo está desordenado, bagunçado. Outro exemplo de controle que temos é o mecanismo das avaliações, em que os alunos são classificados por meio de notas e conceitos, como se essa fosse a única forma de medir o conhecimento e o nível de aprendizagem do aluno.

Com essa forma avaliativa, percebemos que o poder está nas mãos do professor. Com isso, muitos professores resistem à mudança desse método, afinal “Avaliar é decidir. Decidir é dominar. Dominar é ter poder.” (GALLO, 2003, p. 83). Ouvimos vários discursos de professores, que reclamam pelo seu salário, e por se sentirem injustiçados, têm como uma única forma de poder sobre o seu aluno a avaliação, não importando se sua aula é significativa, interessante. Então nos questionamos: Como teremos uma educação de qualidade?

Devemos desconfiar da certeza fácil de que aquilo que é ensinado é aprendido. Ou de que aquilo que é transmitido é assimilado. Já nos tempos bíblicos se falava que as sementes podem ou não germinar. Dependendo do solo em que caem. Pois bem: ensinar é como lançar sementes, que não sabemos se germinarão ou não; já aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo. (GALLO, 2003, p. 84).

Assim concluímos que nem tudo o que é ensinado vai ser aprendido. O processo de aprendizagem é algo que não comporta um controle, como vimos anteriormente. O professor pode planejar toda sua aula, nos mínimos detalhes, mas sempre acontece algo que foge do seu controle, com resultados inesperados. Para nós, aquela aula pode estar muito clara, mas para o aluno, não. “Lançamos nossas sementes, sem saber se darão origem a flores ou a monstros, ou mesmo a coisa alguma...”. (GALLO, 2003, p. 84). Essa incerteza se torna um dos desafios no processo educacional. Pode até existirem métodos para ensinar, mas não existem para aprender; não podemos limitar a aprendizagem do aluno; como vimos, ela foge de qualquer controle, ela vai muito além de um livro lido, um exercício respondido, uma aula entre quatro paredes ou um ato pedagógico em uma excursão.

Com o passar do tempo, sabemos que sempre haverá mudanças nos instrumentos de dominação, mas será necessário que também sejam criados novos modelos de libertação. Gallo (2003) nos mostra, por meio dos estudos de Deleuze, essa transversalidade das sociedades disciplinares com as sociedades de controle. As sociedades disciplinares compõem um estudo de Foucault, onde ele compara a escola como a prisão; já as sociedades de controle são aquelas que estão sempre em busca de transformações, mas que não mudam o seu domínio. Sendo assim a luta não deve parar, devemos ir em busca de inovações para realmente podermos dizer que temos uma educação de qualidade.

Ao depararmos com uma sala de aula, encontramos alunos falando, rindo, em pé, sentados, correndo, brincando, com opiniões diferentes. Ou seja, ficamos frente a frente com diversidade de pessoas, mas que são classificadas e rotuladas. Souza (2013) considera que não existe uma verdade exata, mas que existem verdades construídas de acordo com o tempo

histórico presente e de acordo com suas práticas. “A verdade não passa disto: uma doutrina inventada em certa época.” (SOUZA, 2013, p. 02).

Mas na Educação, ainda não se busca essa verdade; para a Educação, existe uma única verdade, que avalia, classifica, rotula o aluno. “Essa busca só leva a uma constante frustração. A questão do fracasso da Educação e, em particular, da Educação Matemática representa um retrato disso, pois os códigos de “certo” e “errado” são oriundos de certa doutrina – “arborescente”, “pivotante”.” (SOUZA, 2013, p.03, grifo do autor). Já ouvimos falar que a Matemática é exata, pois $4 + 4 = 8$, é assim e ninguém muda, nada pode ser modificado ou criado. São rotinas trazidas por livros, criadas pela escola.

Porém, a nossa proposta é de uma Educação Matemática “rizomática”, isto é, permite várias entradas em eu interior. Espalha-se sob a terra, não tem raiz principal, todas são importantes e contribuem para explicações que agora não são mais paradigmáticas ou totais. São pontuais e sociais, dependem das vidas e suas circunstâncias, respeitam igualdades e diferenças, os deslocamentos e as margens. (SOUZA, 2013, p. 04, grifo do autor).

Por isso, quando se fala em uma Educação Matemática rizomática, podemos também dizer uma Educação rizomática. Estamos proferindo que ela tem várias entradas, que não existe uma única forma principal a ser ensinada, mas que pode estar interdisciplinada com outras ciências, respeitando o conhecimento e a cultura que os alunos trazem consigo. O que importa é o caminho a ser percorrido e como será percorrido, sem seguir ordens, regras e roteiros, mas considerando aquilo que é proposto, se recriando, se renovando, de modo que o indivíduo se relacione com a verdade construída pelo próprio sujeito na sua relação com a Matemática ou qualquer outra disciplina.

4 SEGUNDA ESTAÇÃO: PRIMAVERA

Com os discursos proferidos durante os encontros no Grupo Diferença, despertou o interesse de pesquisar sobre o Cuidar de Si foucaultiano. E nessa busca de averiguar se no dia a dia do docente de Matemática, existia esse Cuidar de Si. A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Centro Acadêmico do Agreste (CAA). Teve como público alvo discentes do curso de Matemática, que estavam lecionando e que já cursaram a disciplina da Filosofia da Diferença.

Sabendo que poderia haver várias interpretações de como seria esse Cuidado de Si, optamos pelos alunos que já tivessem pago a disciplina da graduação “Filosofia da Diferença e Educação Matemática”, pois teriam uma noção do que seria discutido e não iriam ficar perdidos. Afinal, o Cuidar de Si ao qual estaríamos nos referindo era de acordo com os estudos de Foucault (2009, 2011).

Aconteceram cinco encontros quinzenalmente; em cada encontro foram trabalhados um ou dois textos que abordassem as Práticas de Si (FOUCAULT, 2006, 2009). Realizou-se o estudo desses textos, em que o pesquisador incentivou a participação dos sujeitos no diálogo. Os encontros foram áudio-gravados, em seguida o pesquisador utilizou os trechos mais importantes das conversas na pesquisa, selecionando os cinco sujeitos para serem cartografados. Ao final do curso, os participantes responderam a questionários, de acordo com suas experiências vivenciadas durante e depois dos encontros.

No ano de 2020, fomos surpreendidos com o novo coronavírus (SARS-CoV-2), que paralisou o mundo e alguns países por meses e impôs o isolamento social, sem o contato físico entre as pessoas. As pesquisas tiveram de ser adaptadas à nova realidade. O que deveria ser pessoalmente, como encontros, aulas, trabalhos, entrevistas, passou a acontecer virtualmente, por meio de plataformas. Principalmente as pesquisas.

Diante dessa nova realidade, foi projetado um formulário explicando detalhadamente a pesquisa e convidando os interessados a fazerem parte dela; em seguida, o convite foi publicado nas redes sociais Facebook, nos grupos de Licenciatura de Matemática da UFPE – CAA e no grupo da Disciplina Filosofia da Diferença via WhatsApp. Deu-se o tempo determinado de quinze dias para a inscrição. Até então, tudo estava caminhando bem, até que ...

4.1 Formação de professor & devir professor de matemática

Enquanto professores de matemática, o curso de licenciatura atua em nós como um conjunto molar que tem a pretensão de nos tornar hábeis na função de ensinar matemática. Mero sonho do próprio curso de licenciatura, pois, o máximo que consegue é garantir um diploma que viabiliza uma prática docente. Não queremos dizer que ele não tenha seu papel na formação, ele tem da mesma forma que outros conjuntos também agem nela, pois, formamo-nos entre família, amigos, emprego, esposo, namorado, cerveja no bar, pipoca no cinema, curso de licenciatura e a matemática. (TARTARO, 2015, p. 170).

A todo momento, o sujeito é submetido a ser conforme o outro, de acordo com o que a sociedade ou o meio em que vive desejam. Sempre estamos sendo impulsionados a viver de um modo padronizado, específico, onde nossa liberdade de ser, de expressão, fica enclausurada.

Ao fazer um curso de Licenciatura, estamos estabelecidos a uma formação para sermos um profissional, conforme o mercado de trabalho procura, por meio de uma série de regras que devem ser praticadas para nos sentirmos pertencentes àquele conjunto. No entanto isso não impede de procurarmos rotas de fugas, mesmo que queiramos pertencer a esse território, pois sempre existirá algo para nos fazer fugir e nos afastar das regras determinadas. Como pontua Tartaro (2015, p. 171), “Se nos formamos professores de matemática entre estes espaços molares que também nos compõem é preciso criar, seja para permanecer ou para fugir para outro conjunto molar, linhas de fuga dentro do próprio curso de licenciatura.”

Para lecionar nas escolas, antigamente era necessário que o professor tivesse uma preparação/formação, como um curso de Normal Médio; o Curso de Licenciatura era um meio de formar a pessoa, com disciplinas pedagógicas para as atividades docentes. Mas será que no Ensino Superior também eram requeridos esses pré-requisitos para ensinar? Segundo Gil (1997, p. 15), “[...] muitas vezes possuindo títulos como os de Mestre ou de Doutor, os professores que lecionam nos cursos universitários, na maioria dos casos, não passaram por qualquer processo sistemático de formação pedagógica.” Ou seja, para muitos professores da graduação, bastava terem conhecimento na área a ser ensinada, isso já era o suficiente. Já aconteceram muitos casos de engenheiros ensinarem Matemática nos cursos de Matemática e principalmente de Licenciatura.

[...] os mestres tinham que ser aproveitados dos cursos já existentes, a Academia Militar e a Escola Politécnica, esta formadora de Engenheiros e bacharéis em Ciências Física e Matemáticas. Esses pioneiros, com sólida bagagem de conhecimento na área, mas em geral sem formação pedagógica específica, valorizavam o conteúdo matemático em detrimento dos métodos de ensino. (CURY, 2001, p. 12).

Com o decorrer dos anos, muitos cursos universitários começaram a ser implantados, e as exigências para a melhoria do ensino também aumentaram, principalmente em relação à formação do professor. Com isso, houve a necessidade de algumas mudanças, mas até os dias atuais, essa formação de professores não é tão fácil de acontecer. Afinal, será que existe formação de professor? Será que uma pessoa pode formar outra pessoa? Por fim, “Somos um corpo produzido por linhas de forças molares, mas também por uma vontade de poder.” (TARTARO, 2015, p. 171) E se, ao invés de nos deixarmos ser subjetivados por alguém, quisermos resistir?

A partir do momento em que se fala em formar alguém, aquele que forma deve ter um certo poder de governar o outro, caso contrário, talvez não tenha como agir diretamente. Mas para podermos governar o outro é necessário governar primeiramente a nós mesmos, “[...] entendemos não ser possível haver formação onde aquele que forma – o professor da Licenciatura em Matemática - não cuida de si mesmo.” (TARTARO; CAVAMURA; SOUZA, 2014, p. 2) Mas o que seria esse Cuidado de Si?

Gostaríamos de salientar que o curso de licenciatura e suas disciplinas configuram um dispositivo em que existem linhas de forças que a todo momento estão se intercalando, desde quando partimos para o processo de ensino e aprendizagem. O praticar das atividades, como também a produção de conhecimento são realizados no dispositivo chamado aula. Sabendo que surgem muitas adversidades na relação de professor e aluno, principalmente no momento do ensinar e do aprender, se não houver um conhecimento de si, ao se deparar com certas situações, o professor começa a se culpar, se desmotivar e desanimar.

Para lidar com essa variedade de linhas de forças existente no dispositivo, o professor precisa praticar o conhecer de si. “Pois, para resistir, é preciso saber o que o atinge, quais as suas marcas, que desejos o impulsionam, em suma, é preciso conhecer-se.” (QUEIROZ, 2015, p. 166-167). Assim, o docente não carregará consigo uma bagagem de culpa, mas surgirão novos caminhos de possibilidades que o ajudarão a saber lidar ou até mesmo resolver os problemas. Mas o principal é deixar o sujeito em paz consigo mesmo.

[...] o problema para o sujeito ou para a alma individual é voltar os olhos para ela mesma, para se reconhecer naquilo que ela é, e, reconhecendo-se naquilo que ela é, lembrar-se das verdades com as quais tem afinidade e que ela pode contemplar; em contrapartida, na corrente que pode ser chamada, globalmente, de estoica, o problema é aprender através do ensino, de um certo número de verdades, de doutrina as primeiras constituindo os princípios que digam em cada situação e de qualquer forma espontaneamente como vocês devem se conduzir. (FOUCAULT, 2006, p. 04).

Esse processo não é fácil de acontecer! Como é difícil nos encontrarmos conosco, nos policiarmos! Mas é possível, pois quando passamos a viver esse encontro, começamos

reconhecer nossas verdades que nos dão a oportunidade da construção de princípios e conduta, fazendo surgir o sujeito autônomo que, segundo Foucault (2010), é aquele que reconhece as forças do fora, e é livre para permitir, ou não, que elas o afetem. A autonomia está dentro do sujeito, propiciando-lhe controlar o que vem de fora em todos os aspectos, mas para isso são necessárias lutas internas.

Para acontecer a formação do professor, esse processo deve partir do próprio sujeito, no momento em que começa a se olhar e perceber o que é necessário ser melhorado, mudado e libertado do seu eu para que o sentimento de liberdade permita ir ao encontro do novo que será formado. Faz-se necessário ter coragem da verdade, ter muita resistência às linhas de forças. Vale ressaltar que essa formação acontece individualmente. Nós temos uma capacidade de resistência dentro de nós que nos possibilita aceitar, ou não, as forças ou o poder que nos cercam. No entanto, para reconhecermos o poder que nos atinge e termos resistência para enfrentá-los, é necessário nos conhecer.

Devemos olhar a todo o momento para nós mesmos para que, nos conhecendo, possamos estar atentos às forças que nos atingem e não nos deixemos atingir por elas, caso elas não nos beneficiem. Não se pode, contudo, admitir um único modo de ver uma linha de poder que exista e passe por este dispositivo, sempre existirá alguma forma de subvertê-la. (TARTARO; CAVAMURA; SOUZA; 2014, p. 5).

Segundo Queiroz (2015), a formação inicia-se muito antes que tudo isso, não tem como determinar o momento em que devidamente começou a formação e quando será seu fim, o que importa é seu devir presente. A formação está centrada no caminho a ser percorrido, não importa seu início ou fim, mas tudo que acontece durante a caminhada. Por muitas vezes, existe a busca por linhas de fugas, que surge pela resistência do velho em busca do novo, do diferente, nos dando a oportunidade de lutar. Em um curso de licenciatura, deve ocorrer essa oportunidade do sujeito de tornar-se. A partir do momento em que me conheço, me cuido, começa meu processo de formação.

Momentos de formação, momento de ser professor de si mesmo em primeiro lugar. Ser professor de si mesmo é acreditar nas suas potencialidades, saber quais são estas potencialidades, sem esperar que o outro lhe diga ou ordene o que fazer. Será que não é esse tipo de professor que precisamos hoje? Um professor que antes de ser exemplo para os outros, se constitua um exemplo para si mesmo. (TARTARO; CAVAMURA; SOUZA; 2014, p.7).

É necessário que os sujeitos saiam da zona de conforto e enfrentem as lutas que os cercam, principalmente no Curso de Licenciatura; eles devem resistir às subjetivações que lhe são postas e serem autores de suas próprias subjetivações, saindo do comodismo do pronto, acabado e das certezas, pois tudo a nossa volta sempre estará em processo de mudança e criação.

Afinal, somos seres múltiplos, abertos a novas formas de pensar e agir, mas para isso acontecer, é necessário o cuidado de si, só assim estaremos dispostos a lutar, escrever nosso próprio devir e ajudar o outro.

É renunciando a nós mesmos, que temos a liberdade de chegar e cuidar do outro.

[...] o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si. (FOUCAULT, 2006, p. 05).

Alguns professores, ao mesmo tempo que ensinam, acabam cuidando dos alunos de uma forma direta ou indireta. A partir do momento em que está em uma sala de aula ensinando, a forma como conduz o aluno ao chegar aos resultados é uma maneira do cuidar do outro, quando procura levar o educando aos caminhos que para ele são mais fáceis para a realização das atividades, quando o ajuda a enxergar o erro e consertá-lo, quando surgem discussões que falem de assuntos do dia a dia, da sua vida, seus pensamentos e, principalmente, quando ocorrem diálogos de incentivo, podemos considerar também que isso é uma forma de cuidar.

Por isso, é necessário fazer do nosso corpo uma máquina de guerra, criando nossos próprios caminhos. “Dessa forma, a intenção de uma máquina de guerra molecular é inventar caminhos, andar por eles e deixá-los, pois não se trata de conservar os caminhos da formação, mas sim de criá-los para si mesmo.” (TARTARO, 2015, p. 171). O curso de licenciatura pode gerar espaços de conhecimentos, sabendo que não será o único e muito menos o indispensável, pois existe uma multiplicidade. Mas não podemos considerar o conjunto molar existente só nesse espaço, mas sim os múltiplos discursos que o envolvem por toda parte. “Um discurso que ao proferirmos tivéssemos a certeza de ser parte de nossa própria singularidade, pois o formar nada tem a ver com um conjunto específico, mas sim com o que tiramos dele.” (TARTARO, 2015, p. 171).

Durante o devir, as experiências vão acontecendo, quando o olhar do estudante da graduação muda, quando o mesmo procura outras maneiras de ensinar, observando seus professores, suas práticas vivenciadas em projetos ou estágios e até mesmo com as teorias lidas. É uma oportunidade de se moldar a partir da teoria vista e da realidade que o cerca, deixando para trás o pronto e acabado e dando oportunidade ao novo que sempre está em movimento e construção. Segundo Larrosa (2004), tudo aquilo que passa por nós vai nos formando ou até mesmo transformando, nos constrói no ser que somos na nossa personalidade, deixando marcas na nossa maneira de sermos. A experiência é isso, essa necessidade de parar e refletir, tudo

aquilo que nos marca e muitas vezes se origina de outras experiências, causando o movimento do devir professor.

Nossa multiplicidade nos possibilita viver os mais variados dispositivos que uma sala de aula nos proporciona por meio das afetações.

[...] Esse processo de formação docente está inserido em uma sociedade específica, estando os sujeitos, professores e aprendizes dessa universidade, em um contexto próprio de transformações constantes e diversas, influenciados por anseios e exigências sociais, políticas, econômicas, morais, que cobram desses sujeitos posicionamentos, atribuindo-lhes responsabilidades específicas do contexto em que se encontram. Os fluxos que atravessam a formação de professores têm origem na aridez “do fora”, no Poder/Saber, no *Bíos*, na memória e nas experiências. (QUEIROZ, 2015, p. 165, grifo do autor).

Por ser um território de discussões, a sala de aula nos possibilita vivenciar as resistências ao poder. Mas ao mesmo tempo, a formação de professor cria moldes a partir da estrutura filosófica do curso e das concepções dos professores, construindo, na cabeça dos licenciados, a figura do “professor ideal”. O egresso, a partir de experiências dentro da própria academia ou fora dela, percebe que aqueles modelos apresentados não se encaixam, que não existem esse início e esse fim, mas que existe o devir. “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 3). Não existe o início de uma formação, nem o término dela. O que importa é o caminho, não se sabe definir quando o desejo pela docência foi despertado, também não se sabe quando chegará ao fim, só sabemos do percurso que estamos fazendo.

5 TERCEIRA ESTAÇÃO – INVERNO

A mudança da estação aconteceu, na maioria das vezes, surpreendentemente; quando menos se esperava, uma camada de ar frio se aproximou. O prazo de quinze dias para a realização das inscrições teve apenas um inscrito. E agora, o que fazer? Desconforto, insegurança! Sob a orientação da Profa. Dra. Simone Moura Queiroz, estendemos o prazo para mais quinze dias. Dois inscritos. Medo! Desespero! Não deu certo. E agora? Mais uma vez, pensamentos e reflexões. Que tal mudarmos um pouco a direção da pesquisa? Afinal, mesmo não estando preparados para a nova estação, com o passar do tempo, vamos nos adaptando e organizando para vivenciá-la. Com a pesquisa não foi diferente, ideias começaram a surgir.

5.1 Os conflitos no dispositivo sala de aula

No ano de 2020, o mundo paralisou, uma pandemia do novo coronavírus – o SARS-CoV-2 - atingiu milhões de pessoas, tirando a vida de mais de um milhão de pessoas do nosso planeta. Com esse acontecimento, houve a necessidade do isolamento, o fechamento de comércios e escolas. As aulas presenciais tiveram de ser substituídas pelo “ensino” remoto. Um choque de realidade para gestão, docentes e alunos das escolas. Um formato de ensino utilizado na Educação a Distância (EAD), no Ensino Superior, passou a ser adotado em todos os níveis da Educação, expandindo tanto a educação pública como a privada. Mas como aderir a um método, que necessita de algumas condições primárias, como: a familiarização de todos os envolvidos com a tecnologias, equipamentos adequados, acesso à internet de qualidade e os docentes estarem preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais? Todas essas limitações não foram suficientes para impedir que o “ensino” remoto fosse implementado para cumprir o calendário escolar.

Tudo isso é extremamente importante em uma realidade em que há mais de 4,5 milhões de brasileiros sem acesso à internet banda larga e mais de 50% dos domicílios da área rural não possuem acesso à internet. Em uma realidade em que 38 % das casas não possuem acesso à internet e 58% não têm computador. (ANDES-SN, 2020, p. 14).

Observa-se que as condições mínimas não foram atendidas para a grande maioria dos envolvidos, alunos e docentes. Muitos profissionais precisaram arcar com os custos do seu material de trabalho (celular, computador, fone de ouvidos) e alunos ficaram sem suas aulas remotas por não terem conexão com a internet e aparelhos tecnológicos. Também não podemos

ignorar os prejuízos de saúde física e mental decorrentes da intensificação e precarização do trabalho.

É difícil igualar o ensino remoto com o presencial. É da natureza da própria educação que ela não pode ser presencial. Segundo Saviani e Galvão (2021, p. 39), “O quadro que se anuncia para o período pós-pandemia trará consigo pressões para generalização da educação a distância, como se fosse equivalente ao ensino presencial...” Refletimos sobre como ficará a educação nos anos futuros, onde os interesses econômicos privados, com o objetivo de buscar a redução dos custos, impossibilitarão, entre tantas coisas, o contato físico, o Conhecer de Si para Conhecer o outro, mesmo não sendo esse o objetivo da tecnologia.

A tecnologia, desde a origem do ser humano, não é outra coisa se não extensão dos braços humanos, visando facilitar seu trabalho. E, hoje, com o advento da automação, toda a humanidade poderia viver confortavelmente com um mínimo de horas de trabalho diário, liberando o tempo disponível para o cultivo do espírito, abrindo-se para as formas estéticas, ou seja, para a apreciação das coisas e das pessoas pelo que elas são em si mesmas, sem outro objetivo senão o de se relacionar-se com elas. O avanço da tecnologia vem para propiciar a liberação e, portanto, a possibilidade de que nos encontremos mais entre as pessoas e não para separar e isolar cada uma no seu computador. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 39).

Na realidade, esse tempo livre para o lazer e o cultivo do espírito fornecido pela tecnologia não foi algo existente na realidade pandêmica. Pelo contrário, encontramos no período crítico profissionais com crises de ansiedade, depressão e com outros problemas psicológicos, devido à exaustão da demanda de trabalho sem limitações, as cobranças da equipe gestora e até mesmo do próprio docente, em dar conta de manusear recursos com os quais não tinha habilidade, em buscar novos métodos tecnológicos que despertassem o interesse e a participação dos alunos nas aulas, em adaptar a casa do aluno e a sua como o novo cenário de sala de aula, tendo a participação dos pais interferindo a todo momento com suas observações, críticas, como também aqueles que não acompanham aquele filho que não faz as atividades e não participa das aulas, desligando a câmera. Ou seja, o docente começou a viver em função do trabalho e para o trabalho, sem tempo de olhar para si e cuidar de si mesmo.

Quando se fala em cuidado de si, o primeiro pensamento que nos chega é o nosso corpo, nossa saúde. Pensamos no que fazemos para nos cuidarmos, como: exercícios físicos, alimentação saudável, saúde física e mental e assim vai. De acordo com Foucault (2010), o cuidar de si não tem uma única definição, mas nos leva a trilhar por inúmeros caminhos. Está em nossas ações, nosso modo de viver, de se expressar. Segundo Foucault (2004), as práticas de si sempre foram fatos importantes na sociedade desde a era greco-romana.

É o que se poderia chamar de uma prática ascética, dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral da renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir, um certo modo de ser. (FOUCAULT, 2004, p. 265).

Segundo Foucault (2006), a partir do momento em que me cuido, passo a ter uma ocupação especial comigo mesmo, isso não deve ser visto como algo egoísta ou de interesse individual, por ser uma forma de agir para com o outro, como ocorria durante o Cristianismo. Cuidar de si é uma forma de liberdade. Mas que nem todos conseguem ter ou viver diante de sua realidade. Talvez por medo, insegurança, até mesmo por não querer arriscar.

Para Foucault (2004, p. 265), a ética é a “[...] prática da liberdade, a prática refletida da liberdade.” E a liberdade é a “condição ontológica da ética”. Ou seja, é quando o sujeito tem a liberdade de ser quem verdadeiramente ele é, de se relacionar com o outro, de se expressar. Nessa liberdade, surgem as relações de poder, que geram resistência, mas que só acontecem, conforme Foucault, quando há essa liberdade.

[...] para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer – eis o aspecto familiar do gnôthi seauton – e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. (FOUCAULT, 2006, p. 03).

O docente perdeu sua privacidade, o número pessoal do celular foi exposto a dezenas ou centenas de pessoas, entre eles, alunos e seus familiares, que mandavam mensagens frequentemente de dúvidas ou reclamações, sem limitações de horário e o docente era obrigado a estar disponível a qualquer horário para atendê-los, caso contrário, a direção da escola chamava-o à atenção. A tecnologia que veio para ajudar e facilitar o trabalho está sendo vista como inimiga da educação em razão das exigências para a sua utilização no trabalho dos profissionais. O que possibilitaria as pessoas de ir ao encontro uma das outras parecia que estava afastando-as cada vez mais.

Os abraços, beijos, apertos de mãos, o contato físico foram interrompidos por causa do distanciamento social imposto pelo novo coronavírus. Como também o acompanhamento físico do docente para com os alunos, presenciando de perto suas dificuldades, dúvidas, desenvolvimento no processo de aprendizagem. A presença física é insubstituível, não se compara à presença virtual, visto que, presencialmente, o docente pode acompanhar o que o aluno está desenvolvendo, bem como captando, por meio de seus gestos e expressões, o sentimento presente, como, por exemplo, o de incompreensão. Essa relação interpessoal da presença simultânea desses dois agentes, docente e aluno, é necessária para a constituição da educação (SAVIANI, 2011).

Não há, pois, uma forma exclusiva de ensinar e aprender e as formas ficam muito restritas quando estamos diante de um modelo em que a aula virtual-atividade síncrona -, que se desdobra em atividades assíncronas, oferece pouca (ou nenhuma) alternativa ao trabalho pedagógico. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 41).

Não nos referimos apenas ao contato físico, mas como o ensino remoto pode levar o aluno a obter uma aula ou conteúdo de qualidade? Além das dificuldades tecnológicas para a execução das aulas síncronas, esse tipo de aula não permite que docente e alunos estejam em um mesmo espaço, tempo e partição que uma educação presencial fornece, possibilitando diferentes formas de abordagens nas aulas. Consoante Saviani e Galvão (2021, p. 42), “Isso significa que o indivíduo precisa aprender para se desenvolver e que isso se dá em primeiro lugar na relação com o outro.”

O ensino remoto proporciona uma redução de carga horária, em contrapartida uma demanda de tarefas, em que o aluno vai em busca do seu próprio conhecimento, com leituras, pesquisas etc. Já o docente é atulhado de trabalhos, atividade para elaborar e corrigir, sala virtual para dar conta, reuniões online em excesso, entre outras atividades. Como foi citado antes, tudo isso levou os docentes a não terem tempo para si, a ultrapassarem suas limitações físicas e psicológicas, originando estresses, fadigas e o adoecimento.

Relevante destacar também que esse processo açodado de implementação do ensino remoto contribui para a intensificação do adoecimento docente. Pois, além da pressão e vigilância impostas que podem se configurar em assédio, o uso constante das tecnologias, com as quais nem todos são familiarizados, amplia as possibilidades de adoecimento físico e mental. A elevação da carga de trabalho se dá, ainda, em condições subjetivas desfavoráveis, uma vez que muitas e muitos docentes têm que lidar com o teletrabalho e demandas familiares. (INFORMANDES, 2020, p. 12).

Olhar para si, parar um pouco e refletir sobre onde devemos mudar, melhorar e conquistar é uma necessidade atual, se assim posso dizer, de todos os docentes. O Cuidar de Si nos dá a oportunidade de ir ao encontro do novo, do inesperado. Quando me cuido, começo a me conhecer, e assim irão surgindo inquietações diante do novo que vou descobrindo em mim, surge uma relação com o próprio eu, “[...] o indivíduo através de sua temperança constitui o seu próprio código moral e vive baseado nele, se construindo e reconstruindo, formando-se e transformando-se, constantemente em seu devir.” (TARTARO; CAVAMURA; SOUZA, 2014, p. 2) O sujeito começa a ser subjetivado por si mesmo, praticando o poder de si, deixando de submeter-se as subjetivações do outro, mas vivendo de acordo com suas regras e sua temperança.

Falar em Cuidado de Si é uma visão muito ampla, abrangendo muitos significados. Em que consiste esse “eu”, quando Foucault (2011) se refere a ocupar-se? Está na reflexão sobre

quem somos e a nossa capacidade do fazer. Quando partimos para esse ocupar-te contigo mesmo (FOUCAULT, 2011, p. 66, grifo do autor) “[...] és tu que te ocupas; e, não obstante, tu te ocupas com algo que é a mesma coisa que tu mesmo, a [mesma coisa] que o sujeito que “se ocupa com”, ou seja, tu mesmo como objeto.”

No diálogo que Foucault (2011) traz entre Sócrates e Alcibíades, o ocupar-se consigo mesmo, quando Sócrates convence Alcibíades em realizá-lo, está relacionado à alma. Este conhecimento ocorre quando o seu olhar está voltado para sua alma, começa a olhar para si, e inicia o cuidar de si.

É o conhecimento de si, é o imperativo “conhece-te a ti mesmo” que recobre inteiramente e ocupa todo lugar liberado pelo imperativo “cuida de ti mesmo”. “Cuida de ti mesmo” quererá finalmente dizer: “conhece-te a ti mesmo”. Conhece-te, conhece a natureza da tua alma, faz com que tua alma contemple a si mesma neste *noûs* e se reconheça em sua divindade essencial. (FOUCAULT, 2011, p. 508, grifo do autor).

Quando se trata da alma, talvez pensássemos logo no divino, em nossa origem, nossa criação. Mas não é. Na verdade, o autor alude a um recolhimento, esse olhar para si, ao ponto de reconhecer suas faltas, perceber onde você deve melhorar, o que precisa ser mudado, o que você necessita. A busca de melhorar, ao ponto de estar preparado a enfrentar o que vier por diante, sendo resistente, paciente. “Portanto, o sujeito de todas essas ações corporais, instrumentais e da linguagem é a alma [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 69). Entendamos que, neste caso, a alma não serve ao sujeito, pelo contrário, “[...] é a alma unicamente enquanto sujeito da ação” (FOUCAULT, 2011, p. 70). Por isso, se assim posso dizer, ela é um dos primeiros passos que merecem ser cuidados. Como posso ter uma boa relação com o próximo, fazer algo por ele, se minha alma, que é a responsável por minhas ações, não se encontra bem?

6 QUARTA ESTAÇÃO – OUTONO

Depois das grandes tempestades e dos dias ensolarados, chegou a estação da colheita. Outono, tempo de colher os frutos. Logo após uma reunião com a orientadora, chegamos a um novo caminho. O Cuidar de si permaneceu como o objetivo principal da pesquisa, como também o olhar voltado ao devir professor na atualidade e não especificamente professores de Matemática. O dispositivo sala de aula estava acontecendo dentro da casa dos alunos e professores. O excesso de trabalho e a adaptação às novas tecnologias seriam algumas das preocupações e desconfortos talvez para muitos professores. Como eles estavam lidando com essa realidade?

A pesquisa aconteceu com professores de diferentes níveis escolares, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 1: Participantes da pesquisa

Professoras	Níveis de Ensino	Rede Escolar
Júlia (Pedagoga)	Educação Infantil	Privada
Elen (Licenciada em Matemática)	Fundamental I	Privada
Maria e Marta (Licenciada em Matemática)	Fundamental II	Privada
Lara (Licenciada em Matemática)	Ensino Médio	Estadual
Joice (Licenciada em Matemática)	Ensino Superior	Federal

A pesquisa deu-se por meio de entrevistas individuais, com uma duração no máximo de 20 minutos, por intermédio da plataforma Google Meet, sendo áudio-gravada. A metodologia utilizada para a produção dos dados foi a cartografia, que nos permitiu criar um ambiente de diálogo entre todas as docentes. É importante destacar que, neste trabalho, a palavra cartografia não está relacionada à geografia física, nem à geografia humana. Mas se refere à cartografia da subjetividade humana.

[...] onde o mapa construído não é um mapa físico que estabelece limites de acordo com as fronteiras de um mapa-múndi, nem visa mapear processos e procedimentos de professores de matemática e outros sujeitos da escola, mas sim um mapa das subjetivações humanas de acordo com Michel Foucault [...] (SILVA et al., 2013, p. 2).

A cartografia vem trazendo algo novo para nossa realidade, despertando um pensamento, um movimento. Possibilita a visualização das linhas de forças que não estão invisíveis, nem ocultas, mas que não se podem enxergar.

É com o diálogo que ocorreu durante a entrevista, que coletamos os dados da pesquisa, por meio da cartografia, segundo (SILVA, et al., 2013, p. 04) “[...] um procedimento que permita acessar o processo das experiências vivenciadas pelos envolvidos na pesquisa, [...]”. A pesquisa é exploratória, pois nosso objetivo não é explicar, nem analisar o sujeito, mas entendê-lo, respeitando o seu território, “[...] criar pontes de linguagem que possibilitem cruzar o abismo que há entre o sentir, o pensar e o expressar.” (SILVA, et al., 2013, p. 04).

O pesquisador foi levado a um território desconhecido, indo em busca de novos entendimentos. A pesquisa foi realizada com pessoas que trabalham em escolas privadas, estaduais ou federais, professores com longos ou curtos anos de serviços, alguns contratados, outros efetivos, pessoas que tiveram um estado de vida difícil, outros mais confortável e acessível. Primeiramente nos questionamos como gerar conhecimento com uma pesquisa cartográfica, por meio de uma construção individual, trabalhando com diferentes pesquisados, cada um com sua singularidade.

A cartografia, em seu processo de construção, não vai desvendar o que já existe, mas vai conhecer o que é criador da realidade. Ter um mundo nas mãos é o mesmo que intervir na realidade, ao mesmo tempo que ela se apresenta como um processo de conhecimento, em um mesmo movimento, conhecê-la é participar da sua construção.

É um trabalho não linear, que deixa o pesquisador (cartógrafo) livre na construção de sua pesquisa. De acordo com Silva et al. (2013), a cartografia vem mapear as subjetivações humanas e desenhar mapas das paisagens psicossociais do ser humano. Esses mapas favorecem a que o cartógrafo tenha diversos olhares a partir do momento que adentra nele, construindo e desconstruindo mundos, muitas vezes se perdendo ao entrar nele, ou é conduzido a outros caminhos diferentes de onde iniciou.

[...] A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos. (ROLNIK, 1989, p. 01).

A partir do momento em que se cartografa, há a produção de mapas, que nos agenciam e nos capturam por meio de suas multiplicidades, fazendo-nos o convite de ter uma diversidade de olhares do momento em que está acontecendo. O foco não será o início, nem o fim, mas o meio, que nos possibilitará ir a outros caminhos diferentes dos já iniciados ou conhecidos.

[...] toda pesquisa é pesquisa - intervenção, pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia pesquisadores e pesquisados, teoria e prática; num mesmo processo de produção com-o-outro, da emergência-junto que é inventado nos movimentos do plano da imanência. (SILVA, et al., 2013, p. 3).

A cartografia é uma pesquisa que mostra a coletividade, ultrapassando as regras sem focar em interesses, ou normas, mas sim, no ser do sujeito pesquisado, garantindo a participação do sujeito no processo da construção do conhecimento. Por ser participativa e inclusiva, a cartografia afirma o seu sentido de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2009).

O objeto de pesquisa como cartógrafo está voltado ao campo social, estando atento às estratégias dos desejos, movimentos sociais, violência, delinquência, quadros clínicos, afetos e todas ações que envolvam o humano. “A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social.” (ROLNIK, 1989, p. 01). Não nos preocuparemos com padrão, normas ou regras, mas sim, em acolher tudo que der matéria à pesquisa, desde que tenha “saídas múltiplas”. Nesse caso, a teoria da cartografia não se resume apenas à teoria, ou seja, ao que está escrito, mas a cada movimento ao redor, a um filme, música, que faz parte do gosto do sujeito, brincadeiras, uma conversa, uma ação. Devemos sempre estar em busca de elementos, para a nossa cartografia, que construam pontes para fazer suas travessias.

Mergulhamos no mar de afetos que o sujeito trouxe, tentando compreender as intensidades de cada expressão, tornando possível a criação de novos mundos a partir de um mundo já existente. O que o cartógrafo quer é “[...] participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidades.” (ROLNIK, 1989, p. 02). Permitir-se vibrar pelos momentos, dando sentido, cada vez mais, as suas existencializações, não seguindo um protocolo, mas inventando seus procedimentos de acordo com a função do contexto em que se encontra. “Cartografar é se deixar capturar.” (SILVA et al., 2013, p. 04)

Como não temos um método para se fazer uma cartografia, devemos ter um perfil de sensibilidade, que nos permitirá ter um grau de intimidade que dará valor a todos os movimentos do desejo. No entanto precisaremos de equipamentos para essa avaliação. Como diz Rolnik (1989), entre eles estão: “[...] um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações...” (p. 03) Como vimos, nossa prática estará voltada a estratégias utilizadas para a formação do desejo no campo social, gerando assim o surgimento do novo. Como cartógrafo, temos que dar voz a todo lado sentimental e de afetos existente durante o percurso, o mergulho em todas as situações ocorridas deve acontecer, aproveitando tudo aquilo para a construção de nossa pesquisa.

[...] este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão misturadas a quais outras, que composição de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender, são intensidades buscando expressão. (SILVA, et al, 2013, p. 4).

A cartografia nos fornece vários procedimentos para a produção de seus dados, entre eles: “[...] buscando acompanhar a processualidade dos acontecimentos, pode fazer uso de narrativas pessoais, entrevistas, etnografias, análise de documentos, dados quantitativos e mapas narrativos [...]” (SILVA, et al., 2013, p. 04). O cartógrafo deve projetar os movimentos necessários para acompanhar os movimentos da sua pesquisa; essa preparação começa em sua mente e em seu corpo, de uma forma que o deixe preparado para o que possa encontrar em sua pesquisa, tornando-o um corpo vibrátil, ou seja, que esteja atento para capturar todos os afetos e movimentos pelas pessoas em seu território de pesquisa.

Deste modo, o cartógrafo se torna um surfista, pois este não se prepara para o que ele já sabe, mas exercita-se, disciplina o seu corpo e mente para estar preparado diante da onda que ele ainda não viu. Portanto, o cartógrafo deve ter como perfil um tipo de sensibilidade que deve permanecer durante todo o seu trabalho, [...] (SILVA, et al., 2013, p.4).

O mundo da cartografia propicia a visualização do que está oculto, das subjetivações, das linhas de força que podem ser encontradas no campo de pesquisa. “[...] Cartografar estas produções de subjetivações é explicar as marcas que nos tocam por meio de relações de forças.” (SILVA, et al., 2013, p. 05) As marcas existentes na vida de uma pessoa ocorrem no decorrer de sua vivência por situações e acontecimentos, e essas marcas dão ao cartógrafo pontos de vistas nessa criação. Todavia as subjetivações não acontecem só com os pesquisados, o cartógrafo também tem suas subjetivações, que são atingidas por essas marcas encontradas na pesquisa. Como assim? Durante a pesquisa, em algumas vezes, o cartógrafo é afetado por marcas do pesquisado, fazendo com que o mesmo se perca nesse caminho e perca esse olhar vibrátil durante o percurso.

Cada pessoa traz consigo marcas sociais, sejam elas positivas ou negativas, mas que de certa forma provocam tipos de comportamentos fracassados ou rejeitados em uma pessoa. Quando o sujeito depara com marcas negativas, ele tem dois caminhos: o da rejeição, quando age de forma contraditória ao que o ocorreu, ou o do fracasso, quando ele toma para si aquele acontecimento, agindo da mesma forma como aconteceu. Porém existem aquelas marcas positivas, que nos fazem crescer, ir em buscar de fazer sempre mais e melhor, que nos levam a caminhos e oportunidades novas. Ressaltamos que uma marca que, de imediato, podemos considerar como negativa pode vir a tornar-se positiva a partir do momento em que ela nos faz

dar a volta por cima e mostrar nossa potencialidade e capacidade que, em muitas vezes, não conhecíamos.

[...]

Mas nada vai conseguir mudar o que ficou
Quando penso em alguém, só penso em você
E aí então, estamos bem

Mesmo com tantos motivos pra deixar tudo como está
Nem desistir nem tentar agora tanto faz
Estamos indo de volta pra casa

Mudaram as estações, nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente
Se lembra quando a gente chegou um dia acreditar
Que tudo era pra sempre, sem saber
Que o pra sempre, sempre acaba

Mas nada vai conseguir mudar o que ficou
Quando penso em alguém, só penso em você
E aí então, estamos bem
Mesmo com tantos motivos pra deixar tudo como está
Nem desistir nem tentar agora tanto faz
Estamos indo de volta pra casa
(Mudaram as Estações – Rato)

6.1 Esboço de uma cartografia

Neste momento, apresentamos o resultado dos dados desta pesquisa composta pela pesquisadora e os relatos das professoras. A ideia é intercalar alguns movimentos que surgiram na pesquisa com a teoria estudada, salientando que as falas apresentadas são produções minhas a partir das entrevistas.

6.1.1 Encontro no shopping ... praça de alimentação ... conversa

São duas da tarde, nos encontramos na praça de alimentação do shopping, seis professoras. A realidade do ensino híbrido foi o ponto de partida de nossa conversa. Os desabafos foram sucedendo e entre cada partilha, o cansaço físico e emocional apresentavam-se com frequência e intensidade.

Juliana: Olá meninas! Como vocês estão?

Júlia – Cansada!

Elen -Também.

(As demais deram risadas.)

Juliana: Como está sendo essa experiência de ensinar Matemática através das aulas remotas?

Marta – Foi desafiante no início, mas depois consegui pegar o ritmo. Meu primeiro questionamento foi: Como ensinar Matemática por meio de plataformas? Mas, com o passar do tempo, fui me organizando e adaptando.

Joice - Já pra mim, foi tranquilo. Não tive dificuldades, porque já tinha habilidades com a tecnologia. Tive que fazer um investimento para facilitar o trabalho, investi em uma lousa digital para facilitar as minhas aulas.

Elen - Apesar de ter uma certa habilidade nas tecnologias, a escola disponibilizou Formações semanais com equipes do Google Foreducation Edtech, G SUITE, Brasil.

Lara - Como já tinha meu material: computador, lousa de digitalização e fone de ouvido, não sofri muito.

Juliana: Que bom, Elen, que a escola deu esse apoio a vocês, professores. E vocês meninas? Tiveram o apoio da escola também?

Marta – Bem queria. Um dos meus maiores desafios foi a pressão dos pais, não poderia cair a conexão da internet ou até mesmo eu chegar a atrasar alguns minutos pra iniciar a aula, que os pais já colocavam mensagens no grupo da turma do whatsapp, questionando o atraso. Já vinha a diretora ou a coordenadora questionar o atraso e tal... Era horrível! Era muita pressão da direção. Uma das situações que mais me marcou, pra vocês terem ideia, foi nós, professores, termos que ir na casa de cada mãe entregar uma lembrancinha no dia das mães. Mesmo no início da pandemia, onde todos estavam em isolamento, ninguém saía de casa, assustados com medo e eles fizeram a gente fazer isso. Sei não, viu!

Para um grego, a liberdade humana encontra sua obrigação não tanto ou não apenas na cidade, não tanto ou não apenas na lei, tampouco na religião, mas na tékhne (essa arte de si mesmo) que nós mesmos praticamos. É, portanto, no interior, dessa forma geral da tékhnetoûbíou que se formula o princípio, o preceito “ocupar-se consigo mesmo”. E lembremos justamente de Alcibiades que, pretendendo fazer carteira política e ter a vida de um governante, foi interpelado por Sócrates a propósito daquele princípio que ainda não percebera: não podes desenvolver a tékhne de que precisas, não podes fazer da tua vida o objeto racional que pretendes, se não te ocupares contigo mesmo. Portanto, é na necessidade da tékhne da existência que se inscreve a epimélie heautoû. (FOUCAULT, 2010, p. 403, grifos do autor).

- Até que ponto pode ir a autonomia do professor? Ela deve ser conquistada, não só dentro da sala de aula, como também nas outras áreas da escola. Não podemos nos calar com aquilo que nos incomoda, ou até mesmo, venha colocar nossa vida em risco. É necessário praticar essa arte de si, o ocupar-se consigo mesmo.

Joice – No início, senti uma pressão, mas procurei informações sobre o trabalho com professores que já estavam trabalhando desde o ano passado, quando teve início a pandemia. Porque comecei a trabalhar este ano de 2021, tanto no Ensino Superior e como no Ensino Médio. E olhe que antes de iniciar as aulas do Estado, já estava ensinando um mês antes na universidade. Foi um período em que procurei adiantar o máximo que pude do planejamento das aulas, para ficar mais leve quando iniciasse o outro vínculo. Mas foi puxado! Mas tive que fazer um investimento, com meu próprio dinheiro, em uma lousa digital para trabalhar.

“Cuidar de si” é uma regra coextensiva à vida. [...] o cuidado de si não está ligado à aquisição de um status articular no interior da sociedade. É o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda a sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal. (FOUCAULT, 2010, p. 221, grifo do autor).

- Olhar para as nossas necessidades e limitações, ao mesmo tempo respeitá-las e buscando caminhos que nos ajudem a lidar com elas é uma forma de cuidar de si enquanto a pessoa que somos.

Lara - A minha escola não estava preparada no início da pandemia, então cada professor teve que se virar. Quando as aulas eram tudo online, cada um teve que buscar recursos para dar sua aula da melhor forma possível, sem nenhuma ajuda da escola. Tiveram que providenciar: computadores, lousa de digitalização, câmara, como eu já tinha meu material, não sofri muito e também como tinha habilidade com a tecnologia, isso me ajudou muito. Mas muitos colegas ficaram desesperados, tiveram que comprar computador, fone de ouvidos potentes e pior do que isso, se adaptar ao mundo digital, ao qual não eram acostumados.

Maria - Não tive apoio nenhum da escola, nem de uma caneta a uma internet ou qualquer outro material. Quando iniciei o ano letivo, estava morando em Caruaru, depois tive que ir morar com minha mãe no sítio. Tive muito trabalho pra adaptar “minha sala de aula” lá, principalmente por causa da internet. Mas mesmo assim, com todo meu esforço, a escola não era de apoiar em nenhum momento, não poderia atrasar um minuto a aula, que os pais já começavam a criticar, se passasse um trabalho para o aluno, tinham a desculpa que os alunos não tinham recursos para realizá-lo. O que mais me magoou foi ouvir da diretora que eu estava ameaçando a escola dela. Pois era tempo chuvoso, já estava morando no sítio e algumas vezes a internet não contribuía, então a gestão só dava apoio aos pais e desconsiderava o meu esforço. Quando pedi pra acessar a internet da escola, a gestão não mostrou satisfação, até que me disseram pra procurar outro lugar ou outra forma pra dar minha aula.

A luta por mais verba para a educação, de incentivos fiscais, chamar o governo à responsabilidade. Remunerar bem os professores, podendo, assim, selecionar os melhores elementos. Oferecer-lhes oportunidades de aperfeiçoamento, leituras, estudos. Mas em primeiro lugar: ouvir-lhes as vozes: ela mesma, com uma equipe pequena, ir às escolas: sentar, ouvir, anotar, trazer, discutir, refletir, mudar, transformar. Os alunos, dar-lhes corda: vê-los, ouvir-lhes as mágoas de uma escola que, ela sabe, nada tem de ideal. Reconhecer-lhes as sugestões, estudá-las, viabilizá-las. Mostrar: sangue, nervos, linfa, medula, recorrendo, habitando a escola. Escola: autêntico exercício democrático, linha para o futuro. Sonhava, incorrigível? Não. Apenas: coerente com os documentos oficiais, onde as vozes se cruzam nas cartilhas que apregoam – os homens: iguais. Mas, agora? Suportava os espelhos embaçados? Calava-se no descabro? Fizeram-lhe apelo: a ética profissional. : Ética: pactuar com o desonesto? O putrefato? Os atos se sucedendo, a ausência de razão, a sempre imposição, nenhuma explicação. Calar-se? (LACERDA, 2001, p. 169, grifo nosso).

- O despreparo das escolas é perceptível em todos os sentidos. Desde a falta dos recursos para alunos e professores, como a omissão do apoio da gestão aos docentes em buscar soluções para beneficiar a própria escola.

Juliana – Desafiante, assim posso dizer. Em relação às aulas, como foi e está sendo essa experiência? Ouço de muitos professores que estão trabalhando em dobro.

Lara – Com certeza. Primeiramente, na escola que trabalho, a gestão quer igualar as aulas híbridas com a presencial, principalmente na questão do tempo. Onde tudo fica mais cansativo, e sabemos que não é assim, pois as aulas remotas requerem mais tempo para o professor, para planejar aula, editar vídeos, fazer correções por meio de plataformas e assim por diante. Isso torna a nossa vida muito corrida.

Neste sentido não há, para Foucault, uma separação entre as práticas do hospital de loucos, do presídio, da fábrica, da escola. Ou seja, a vigilância, a normalização, a sujeição, a disciplina, enfim as práticas de poder produzidas e que produzem cada regime de verdade estão presentes em toda a instituição. Uma das comparações, mais recorrentes nas obras de Foucault, diz respeito à estruturas psiquiátricas e à escola, pois as duas são fundadas em inquéritos, avaliações e vigilâncias, com o objetivo da normalização do sujeito a partir da disciplina. (SOUZA, 2004, p. 10).

- O querer igualar a escola atual como a de um ano atrás é impossível, pois tudo mudou, começando da estrutura física, como a metodologia, os recursos. A necessidade de caminhar pelo mesmo caminho, seguir as mesmas regras, traz grandes desgastes aos docentes.

A Educação maior procura construir-se como uma imensa máquina de controle, uma máquina de subjetivação, de produção de indivíduos em série. (GALLO, 2008, p. 65).

Júlia – Minhas inquietações foram muitas no início da pandemia, mas depois tudo foi se adaptando, me senti muito cansada, pois ensino educação infantil, então minhas aulas por serem remotamente, devem ter todo um planejamento e edição dos vídeos para ter um retorno dos alunos. Isso me faz ir para duas ou três horas da manhã planejando aulas e gravando vídeos.

Maria – Me sentia tão sobrecarregada, que muitas vezes ia dar aula nem sequer tinha almoçado, às vezes só dava tempo de vestir a blusa da farda. Não tinha tempo para mim, o momento que não estava em aula, estava consertando a antena da internet. Como eu mesma que tinha feito a instalação, ficava procurando um local adequado para conseguir área.

Lara – No meu caso, sou professora do Ensino Médio, estou indo dar aula na escola aos alunos que optaram por presencial e ao mesmo tempo minha aula é gravada para os alunos que optaram por online. Pra vocês terem ideia, meu primeiro dia de aula assim em transmissão, fui parar na terapia, pela pressão que senti. Pois os alunos que estavam em casa reclamavam pelo ruído que o áudio apresentava, por causa do barulho do ambiente. Eu não conseguia dar

atenção a eles, priorizava quem estava presencialmente, me sentia perdida. Mesmo assim, fui alguns dias para terapia, mas não continuei, porque o custo financeiro era muito alto. O que mais me incomoda é o excesso de carga horária. Sabe? Tanto para a realização das aulas, como também o tempo utilizado para o planejamento, sendo que muitos alunos me procuram via whatsApp, ou seja, perdi minha privacidade.

Assim, menos que “formação-saber”, o cuidado de si torna-se “correção-liberação”, capaz de dotar o indivíduo de uma “armadura” ou “equipamento” (paraskeuê, traduzido por Sêneca como instructio) que o protege e o municia para enfrentar todos os acontecimentos que lhe possam sobrevir. (MUCHAIL, p. 82, 2011, grifo do autor).

- Cuidando de si, consente em buscar o necessário para lidar com os acontecimentos atuais ou se preparar para os acontecimentos futuros.

Juliana – Nossa! Quer dizer que o aluno tem acesso ao número de telefone de vocês?

Marta - Isso mesmo! Não temos mais privacidade, os alunos não têm limitação para falar no privado. A qualquer horário da noite, eles querem tirar dúvidas, ou pedir a aula que perdeu. Se deixar pra responder no dia seguinte, logo pela manhã os pais já têm comunicado à direção do ocorrido. Ou seja, tem que ser professora vinte e quatro horas por dia, pois além de dar minha aula online, tinha que gravar aula para aqueles alunos que moravam no sítio e não conseguiam participar.

Joice - Não basta a demanda de trabalho ser enorme, tem essa questão da falta de privacidade no whatsApp, onde nosso número é acessado por todos os alunos e as notificações não param, independente de qualquer horário. Sendo assim, meu momento de “relaxar” muitas vezes é desligar o celular um pouco, ou não ter acesso a nada de redes sociais por algumas horas.

Não se trata simplesmente, como na ideia, por assim dizer, “nua” do cuidado de si, de prestar atenção a si mesmo, de dirigir o olhar a si ou de permanecer acordado e vigilante em relação a si mesmo. Trata-se, realmente, de um deslocamento, um certo deslocamento – sobre cuja natureza precisaremos interrogar – do sujeito em relação a si mesmo. O sujeito deve ir em direção a alguma coisa que é ele próprio. Deslocando, trajetória, esforço, movimento: é o que devemos reter na ideia de conversão a si. (FOUCAULT, 2010, p. 222, grifo do autor).

- A ideia do cuidar de si não está só voltada aos movimentos internos e externos, do olhar só pra si. Mas se refere ao deslocamento ao qual pode ser feito, quando esse movimento acontece. Quando podemos tomar decisões ou ações de acordo com as nossas necessidades, levando-nos a nos desfazermos do que incomoda, do que não dá certo e nos permite conquistar o novo.

Juliana – Poxa meninas! Além dessa perda da privacidade, onde o número pessoal de vocês é exposto para dezenas de pessoas, a mudança de cenário também reflete muito nessa falta de privacidade, onde a sala de aula se tornou dentro da casa dos alunos e de vocês. Ou estou enganada?

Elen – Isso mesmo. Foi um dos motivos que me levou ao desgaste mental. Já não bastasse o fato de ser tudo novo, como também os questionamentos e incertezas do trabalho com crianças em plataformas, o receio de não dar certo. Quando percebi que a sala de aula estava sendo na casa do aluno, com o acompanhamento dos pais e suas críticas. Nossa! Me desesperei. Tudo isso sobrecarregou meu psicológico ao ponto de chegar a tomar calmantes, pois estava tendo crises de ansiedade. Ensino em escola particular, já sabe, né? Os pais ficam numa cobrança.

Lara – Comigo também não foi muito diferente, Elen, hoje amenizou mais. Acredito por estar mais adaptada. Mas apresentei insônia, falta de apetite, ansiedade, muitas vezes já me encontrei chorando do nada. Não conseguia dormir direito, pensando na aula que teria que dar no dia seguinte, nos exercícios pra corrigir. Me sentia tão sobrecarregada, que não comia muitas vezes.

Joice – Já a minha maior inquietação é um pouco diferente da de vocês, está voltada mais a falta do conhecer o aluno, principalmente na escola estadual, onde os adolescentes não contribuem muito nas aulas. Então minha insegurança é: será que o aluno está entendendo ou não o assunto? Quais são suas dúvidas? É o que mais me inquieta no momento.

Quem se ocupa consigo –[...]– torna-se capaz de ocupar-se com os outros. (FOUCAULT, 2010, p. 158).

-Ter um olhar compreensivo para quem precisa, refletir sobre como o outro pode estar, como podemos ajudá-lo, o que posso fazer é uma prática formada através do ocupar consigo mesmo. Só somos capazes de cuidar do outro, quando praticamos esse cuidar conosco.

Marta – Realmente, Joice, os meus, mesmo, desligavam as câmeras na hora da aula, uns saíam, outros dormiam e não participavam. Nossa! Como é difícil. Tanto esforço da nossa parte e eles fazem isso conosco.

Juliana – Meninas, vocês conseguem um tempo para relaxar, descansar, cuidar um pouco de vocês?

Elen – Hoje, sim. Quando me deparei com a situação que me encontrava, reavaliei meu comportamento, e decidi dar um basta nessa situação, primeiramente me acalmando. Hoje,

percebo que tudo deu certo e está dando, apesar de ser um tempo muito desafiador. Mas percebi que precisava cuidar um pouco de mim, uma vez cheguei a trabalhar quinze horas por dia, e só parei por não está aguentando mais e não por terminar o trabalho que estava fazendo. Foi quando me dei conta que não poderia continuar assim e precisava tirar algumas horas pra mim.

[...] para se constituir como sujeito virtuoso e temperante no uso de seus prazeres, o indivíduo deve instaurar uma relação de si para consigo que é do tipo “dominação-obediência”, “comando-submissão”, “domínio-docilidade” (e não, como será o caso na espiritualidade cristã, uma relação do tipo “elucidação-renúncia”, “decifração-purificação”). É o que se poderia chamar de estrutura “heautocrática” do sujeito na prática moral dos prazeres. (FOUCAULT, 2007, p. 66, grifo do autor).

- Ter domínio dos seus prazeres e desejos, ter domínio de si é uma conquista pessoal, uma evolução magnífica, sem deixar de ser quem é.

Juliana – Nossa! Quinze horas?

Marta – Eu mesma, quando estava ensinando não tinha tempo pra mim.

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é, certamente, o conhecimento de si – este é o lado socrático platônico, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta e de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2005, p. 269).

-Faz-se necessário esse olhar para dentro de si, verificar como estou, do que preciso e como posso fazer para melhorar a situação.

Juliana – E não está mais?

Marta – Não. Terminei pedindo demissão, pois não aguentava mais a pressão dos pais e da gestão. Acredito ter tido um início de depressão nesse tempo. Depois de muito avaliar e pensar, tive o apoio da minha família, que sempre me deu força, principalmente nesse tempo, esperei o ano letivo terminar, pra pedir demissão. Devido à saída de vários alunos da escola, o salário dos professores também foi reduzido. Não dava! Não dava. Estava muito desconfortável pra mim, meu emocional estava muito abalado.

”Cuidar de si” é uma regra coextensiva à vida. [...] o cuidado de si não está ligado à aquisição de um status particular no interior da sociedade. É o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda a sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal. (FOUCAULT, 2010, p. 221, grifo do autor).

Juliana – Compreendo P4. Devemos ir até o nosso limite mesmo. Sim, meninas, e vocês?

Joice – Eu até tenho conhecimento do cuidar de si foucaultiano, mas não o exerço. As vezes o meu cuidar de si, é cozinhar, fazer uma comida diferente, é assistir um filme, porém o meu pensamento fica um pouco culpado, pois naquele momento poderia está planejando uma aula, ou corrigindo alguma atividade. Algumas vezes, eu e meu namorado saímos com um casal de amigos, é um momento de relaxamento, mas não faço isso com frequência, pois ensino todas as noites na universidade e todas as manhãs na escola estadual com algumas tardes.

O sujeito se autoconstitui ajudando-se com técnicas de si, no lugar de ser constituído por técnicas de dominação (Poder) ou técnicas discursivas (Saber). Estas técnicas de si são assim definidas: “procedimentos que sem dúvidas existem em toda civilização, propostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças às relações de domínios de si sobre si ou de conhecimento de si por si.” (GROS, 2010, p. 462).

- As técnicas de si nos proporcionam a autonomia, possibilitando nos retirarmos do domínio de poder que nos cerca e em busca da liberdade, fazendo-nos nos sentirmos bem diante da nossa realidade e da nossa necessidade.

Elen - Tiro umas duas horas do dia pra mim. Como hoje! Tomei aquele banho de uma hora, onde hidratei meus cabelos com calma. Também tiro uma hora pra dançar, é o que mais gosto de fazer. E procuro reservar um tempinho pra fazer uma chamada de vídeo com as minhas amigas, mesmo pra conversar besteiras, eram momentos que estavam perdendo sem me dar conta.

[...] se é com alma que é preciso ocupar-se, vedes bem que o cuidado de si não é o cuidado do corpo, nem tampouco o cuidado dos bens, também não o cuidado amoroso, pelo menos não como concebem os enamorados, os pretendentes de Alcibíades (FOUCAULT, 2010, p.146).

- Cuidar-se é estar em paz com aquilo que te faz bem. É algo que vem de dentro e não do corpo.

É a alma unicamente enquanto sujeito da ação, a alma enquanto se serve [do] corpo, dos órgãos [do] corpo, de seus instrumentos etc. (FOUCAULT, 2010, p. 52).

Lara – Minha casa nunca mais foi organizada por falta de tempo. Meus finais de semana ainda são para preparar aulas, pesquisar meios tecnológicos, corrigir exercícios. Mesmo assim, até que consigo tirar duas horas do meu dia pra me cuidar. Uma hora no mínimo tiro pra ir à academia, isso me faz desopilar um pouco. Mas tem dois dias na semana que não consigo esse tempo pra mim, pois passo o dia todo na escola, saindo às sete horas da noite.

Júlia – No meu caso, quando tenho uma oportunidade para me cuidar, é quando paro para ouvir uma música, ou ler um livro. Mas isso está sendo muito difícil de acontecer na minha vida nesses últimos tempos. Mesmo sabendo da necessidade de reservar esse tempo pra mim e para os meus, reconheço minha falha. Percebo a importância que isso é, pois é impossível dar o melhor de mim a meu esposo e meu filho, se não me encontro bem.

Platão retomará frequentemente esse princípio socrático da askesis. Ele evocará Sócrates, mostrando a Alcibíades ou a Cálicles que eles não poderiam pretender ocupar-se da cidade e governar os outros se não aprendessem primeiro o que é necessário, e se não se exercitassem para isso: “Quando juntos tivermos praticado suficientemente esse exercício (askesantes), então poderemos, se quisermos, abordar a política”. E ele associará essa exigência do exercício à necessidade de se ocupar de si: a epimeleiaheautou, a aplicação consigo que é uma condição prévia para poder se ocupar com os outros e dirigi-los, comporta não somente a necessidade de conhecer (de conhecer o que se ignora, de conhecer que se é ignorante, de conhecer o que se é), como também a necessidade de se aplicar efetivamente a si e de se exercer e se transformar (FOUCAULT, 2007, p. 69, grifo do autor).

- Como o autor nos traz, o Cuidar de Si é uma prática que deve ocorrer constantemente para que tenhamos resultados, não deve ocorrer em algumas necessidades, ou em algum tempo que sobra. Mas deve ser prioridade em nossa vida e em nosso devir. Tornando-se um hábito diário para que nos possibilite praticá-lo com o outro.

Maria – Tempo pra mim? Não sei nem o que é isso! Quando me disseram ano passado: “Maria você está de férias.” No dia seguinte ao chegar na casa da minha mãe, arriei. Tive uma gripe daquelas bem forte, que me deixou de cama. Professor não pode adoecer né!? (risadas) Então meu corpo só esperou ouvir a palavra “férias” para permitir ficar doente. Pois nem pra isso eu tinha tempo.

Juliana – E hoje, como estão as coisas? A gestão continua agindo da mesma forma?

Maria – Não estou mais ensinando. Não deu certo, a diretora diminuiu uma minha carga horária sem me comunicar. Fui muito humilhada por ela, não dava mais.

Juliana – Como assim, humilhada?

Maria – Como fui eu que instalei a antena da internet, minha vida era sair carregando essa antena parabólica nas costas pra cima e pra baixo naquele sítio, fazendo buraco no terreno, para adaptar a internet. E não tive reconhecimento da direção. O que levei dela foi humilhação. Certa vez teve uma reunião e na frente de todos os colegas de trabalho, disse que não esperava que eu daria conta do meu trabalho. Até soltar piadinhas para o meu lado ela soltou quando viu que eu estava no sítio, todos eles riram na hora.

Juliana - E você fez o que nessa hora?

Maria – Fiquei calada. Sem reação. Depois tivemos outra reunião e não tive coragem de ligar a câmara para não ver ela e nem os colegas, de tanta mágoa que estava deles. Foi quando cheguei ao ponto de renunciar ao emprego por não aguentar mais.

Juliana - Você se arrepende?

Maria – Não. Sinto falta dos meus alunos. Nossa relação sempre foi muito boa, brincávamos muito. Mas ... Ouvi comentário que a diretora uma vez ou outra se lamenta pela minha ausência. Contratou outro professor no meu lugar, mas disse quando eu quisesse voltar a vaga seria minha.

Juliana – E aí? Você não tem vontade?

Maria – Não, acho até um desrespeito e desvalorização com o trabalho do professor atual.

Juliana - Meninas, pra mim esse bate papo foi muito importante. Diante dessa realidade desafiadora, na verdade, mais desafiadora ao qual estávamos vivendo até 2019, o devir de vocês vem sendo muito rico, posso dizer: resiliente. Fiquei muito surpresa com a busca desse cuidar de si, que há dentro de cada uma. Mesmo sendo momentos difíceis, reconheceram que não poderiam permanecer vivendo o martírio do medo, angústia, incertezas. Isso é um papel ético da parte de cada uma de vocês para com vocês mesmas. Pra vocês que chegaram até a renunciar ao emprego por não estarem aguentando a realidade de suas escolas, achei um ato de coragem, bastante coragem. Em meio a esse caos que todos nós estamos passando, com a dificuldade de empregos e crises econômicas. Reconhecer nossas limitações e respeitá-las, nos dar a oportunidade de também respeitar o outro. Governando a si, vocês serão capazes de governar seus alunos, suas aulas.

É nítido em suas falas a busca da liberdade da alma, quando a mesma se encontrava atormentada, se assim posso dizer. Observei também a realidade educacional do nosso país,

cada vez mais precária. As exigências e cobranças sempre intensas, mas a ação e a disponibilização de recursos para a realização do trabalho sempre ausentes. E o professor nesse meio, do fazer e do não ter, sempre tentando se desdobrar para o trabalho acontecer. É duro, mas é nossa realidade! Agradeço a todas vocês pela disponibilidade de estarmos juntas nesta linda tarde.

Espero que esse trabalho desperte conceitos e pensamentos que permitam cogitar os acontecimentos na educação escolar. Se ele tem esse objetivo, isso significa que não trazemos verdades, mas o exercício do pensar aos leitores. Esses conceitos também ocasionarão novas formas de visibilidade no devir professor, reconhecendo a importância do se cuidar, como se cuidar, e o poder que isso proporciona com relação ao outro.

7 MOVIMENTO DE TRANSLAÇÃO

Diante de todos os desafios enfrentados durante a pesquisa, o maior deles foi lutar contra mim mesma. Quando deparamos com o novo, foi o caso da cartografia, imaginei não conseguir percorrer todo o percurso, porém, enfrentando os desafios, medos e inseguranças, percebi que poderia ir além do que presumi. E assim aconteceu.

Todos os nossos objetivos foram cumpridos. A pesquisa apresentou o foco principal, o Cuidar de si foucaultiano no discurso dos docentes, mesmo tendo passado por alterações, afinal “[...] para se realizar, a obra precisa provocar sua própria ruína, pois a realidade criada na obra abre no mundo um horizonte mais vasto, ampliado.” (LEVY, 2011, p. 24). Sabendo que esta dissertação não terá fim, mas continuidade, passamos a abandonar nossas certezas, desprezando o fim e valorizando o percurso a ser percorrido, por meio da manifestação do nosso desejo, “[...] o que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é que eles lhe permitem tornar-se diferente do que você era no início.” (FOUCAULT, 2012, p. 287).

Quando estamos pesquisando, somos instigados a procurar uma resposta de um problema. Durante nossa composição de pesquisador, vamos nos apartando das certezas e aproximando da multiplicidade dos aspectos daquele campo. Dessa maneira, compreendemos que não existe a resposta definitiva, mas sim respostas, caminhos, sempre no plural, que estão em constate mudanças de acordo com seu espaço, tempo e sujeitos. Apenas precisamos ser corajosos e seguir com a certeza que iremos chegar, só não sabemos qual é o ponto de chegada.

No decorrer da pesquisa, foi possível aprofundar um pouco na teoria o Cuidado de Si trazido por Foucault em suas aulas (discussões), como também articular o Plano de Imanência da Filosofia da Diferença com a Educação. Propagamos os discursos de seis professoras dos quatro níveis de educação, os quais se expressaram de forma clara e segura sobre os acontecimentos com que se defrontaram e tiveram que vivenciar durante esse tempo de pandemia. Expuseram seus sentimentos e desafios, como também a forma como lidaram com eles, os caminhos percorridos, as rotas de fugas e as superações, de modo que conseguimos articular o Cuidar de Si foucaultiano com as discussões pertinentes a cada participante do público alvo.

A realidade pandêmica contribuiu para a quebra de vários tabus dentro do dispositivo sala de aula: regras, leis, padrões, todos foram atingidos com a chegada do novo coronavírus. As salas de aula deixaram de ter suas carteiras enfileiradas ou em círculo e passaram a ser sozinhas dentro de uma casa. Os professores deixaram de se posicionar em frente aos discentes

e do quadro, passando a estar do outro lado de uma tela de um de computador. Mas as exigências com o trabalho do professor permaneceram, melhor dizendo, tornaram-se mais rígidas.

Neste sentido não há, para Foucault, uma separação entre as práticas do hospital de loucos, do presídio, da fábrica, da escola. Ou seja, a vigilância, a normalização, a sujeição, a disciplina, enfim as práticas de poder produzidas e que produzem cada regime de verdade estão presentes em toda instituição. Uma das comparações, mais recorrentes nas obras de Foucault, diz respeito à estrutura psiquiátrica e à escola, pois as duas são fundadas em inquéritos, avaliações e vigilâncias, com o objetivo da normalização do sujeito a partir da disciplina. (SOUZA, 2004, p. 10).

Uma realidade que atingiu todos de uma forma inesperada e medonha não foi suficiente para amenizar a severidade com o docente; pelo contrário, a pressão psicológica para fazer seu trabalho acontecer da melhor forma possível, sem material, sem preparação com meios tecnológicos, entre outros motivos, como citei no decorrer da pesquisa, levou muitos profissionais a “não viverem sua vida” por falta de tempo.

A pesquisa nos mostra que em meio a todo o caos, alguns docentes, como os apresentados nesta pesquisa, deram-se conta da realidade que estavam atravessando e tiveram autonomia.

[...] o que me parece essencial ou pelo menos característico, na conversão helenística e romana, é que, se há ruptura, ela não se produz no eu. Não é no interior de si que ocorre a cisão pela qual o eu se desprende de si, renuncia a si mesmo para, após uma morte figurada, renascer todo outro. Se existe ruptura – e ela existe -, ela se dá em relação ao que cerca o eu. É em torno do eu, para que ele já não seja escravo, dependente e cerceado, que se deve operar essa ruptura. (FOUCAULT, 2010, p. 191).

Autonomia em se libertar do externo que o aprisionava, das cobranças, pressões, humilhações e tantas outras situações, como também das prisões internas, medo, choro, ansiedade, preocupações, ironia, entre outros. Esse poder sobre si e sobre o outro só é permitido quando há o cuidado de si, “pertencer ‘a si’, ser ‘seu’ [...] somente de si mesmo é que se depende” (FOUCAULT, 2009, p. 70). Essa experiência consigo mesmo.

[...] o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. (LARROSA, 2011, p. 42-43).

Saber controlar e dominar suas paixões, desejos, ter temperanças, afinal “[...] cuidar de si é um imperativo proposto àqueles que querem governar os outros” (FOUCAULT, 2009, p. 69). Só posso ter um certo controle, domínio no outro, se consigo ter comigo mesmo. Ou seja, não é forçar o outro fazer aquilo que tenhamos como verdade, pelo contrário, é dar a liberdade ao outro de ele expor suas verdades e limitações. É o reconhecer-se como profissional, buscando

mudanças por via do conhecimento de sua realidade, “[...] abster-se e romper com a atitude geral [...] não se isolar; o melhor é ‘sem se confundir com a multidão, fazer as mesmas coisas, porém de outra maneira.’” (FOUCAULT, 2009, p. 65), permitindo-se ser como realmente é, sem padecer com o poder a que é submetido, mas conquistar sua virtude com aptidão.

Perante o hiperativismo do mundo líquido, se passa muita coisa em nossa vida, mas nada nos acontece. Estamos sempre em busca de informações e mais informações, imaginando que nos levarão a obter experiências, mas estamos enganados, na verdade não nos conduzem a lugar nenhum. “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar, pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência” (LARROSA, 2002, p. 21). É necessário vivermos a experiência.

De acordo com Larrosa (2002), sempre estamos em busca de opinar, somos movidos a opiniões e críticas, sem nos permitirmos experienciar. O sujeito da experiência é atravessado por acontecimentos, marcas, e nem sempre é vencedor. “Não é um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo, não é um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer” (LARROSA, 2002, p. 20). É um sujeito questionado e sofredor.

Necessitamos praticar o autoconhecimento, entender a verdade na condição em que ela é apresentada, basear-nos historicamente sobre os fatos, sempre com o olhar voltado para nós mesmos. Faz-se necessário buscar outras correntes, quando as águas nos levam para o mesmo lugar. Diante da transversalidade entre a Filosofia da Diferença e a Educação, desvelam-se a relevância do devir professor e a eminente existência do Cuidar de si foucaultiano presente no discurso dos docentes durante a pesquisa. Seria curioso, para uma pesquisa futura, os próprios docentes realizarem essa experiência da descoberta do Cuidar de si por meio das obras de Foucault, em seu devir por meio de um grupo de estudo. Talvez isso lhes possibilitaria olharem para dentro de si e vivenciarem as práticas de si.

REFERÊNCIAS

ANDES-SN. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN. Grupo de Trabalho de Política Educacional. **Projeto do capital para a educação, volume 4: O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente.** 2020. Disponível em: https://issuu.com/andessn/docs/cartilha_ensno_remoto. Acesso em: 20 set. 2020.

AGÊNCIA SENADO. Elisa Chagas. DataSenado: quase 20 milhões de alunos deixam de ter aulas durante pandemia. 12/08/2020. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materiais/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunosdeixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em: 10 out. 2021.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

COFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Bíblia Sagrada. 7 ed. São Paulo: Canção Nova, 2008.

CURY, H; N. (Org). Formação de Professores de Matemática: uma visão multifacetada. Porto Alegre: EDPUCS, 2011.

DELEUZE, G; GATARRI, F. **O que é a filosofia?** 3 ed. São Paulo, Editora 34. 2010.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3:** o cuidado de si. 8 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2005.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos e Escritos V – Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 12 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3:** o cuidado de si. 9 ed. São Paulo: Graal, 2009.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito.** 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade –** Curso dado no Collège de France (1984). São Pulo. Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito –** Curso dado no Collège de France (1981 - 1982). São Pulo. Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política**. 3 ed. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **Governo de si e dos outros** – Curso dado no Collège de France (1982 - 1983). São Paulo. Martins Fontes, 2013.

GALLO, S; **O que é Filosofia da Educação? anotações a partir de Deleuze e Guattari**. *Perspectiva*. Florianópolis, v.18, n.34 p49-68, julh./dez. 2000.

GALLO, S; **Deleuze e a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

GILL, A; C. **Metodologia do ensino superior**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

INFORMANDES. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN. **Ensino remoto em substituição ao presencial? Tô fora!** Informativo n. 106, julho de 2020. Disponível em: <https://issuu.com/andessn/docs/informandes%27julho2020-hi>. Acesso em: 20 set. 2020.

LACERDA, N. G. **Manual de tapeçaria**. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001. 232 p.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEVY, T. S. A experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze. *Conexões* (19). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

MUCHAIL, S. T. **Foucault, simplesmente**. Textos reunidos. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2004. 138 p.

PASSOS, E; KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (org). **Pistas do Método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção.** In:

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PCN – **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática/ Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/ SEF. 1998. 148p.

QUEIROZ. M. S; **Uma breve análise cartográfica de professores do ensino.** Curitiba, 2013.

QUEIROZ, S. M. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos.** Rio Claro. 2015

ROLNIK. S; **CARTOGRAFIA ou de como pensar com o corpo vibrátil.** Estação Liberdade: São Paulo, 1989.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11. Ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, D; GALVÃO, A, C. **Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto.** 2021. Disponível em: <https://www.sintese.org.br/download/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-ensino-remoto/> Acesso em: 02 out. 2021.

SCHOPKE, R; **O Conceito de “diferença” na obra de Gilles Deleuze.** *Educação.* 2014. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/adilsonmottam/x-slide-1-cpia-89999888>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

SILVA, M. T et al. **Mapas e cartografia em Educação Matemática.** In: XI ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11, 2013, Curitiba. Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática, Educação Matemática: Retrospectivas e Perspectivas, Curitiba, 2013, p. 1- 8 .1 CD

SOUZA, A. C. C. O sujeito da Paisagem: Teias de Poder, táticas e estratégias em Educação Matemática e Educação Ambiental. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo; Marcelo de Carvalho Borba. (Org.). **Educação Matemática: A pesquisa em Movimento.** 1ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004, v. 1.

SOUZA. A. C. C; **O que pode a Educação Matemática?** Rio Claro. 2013.

TARTARO, T. F; CAVAMURA, N. R. B; SOUZA, A. C. C.; **Por que a Universidade não forma um professor de matemática?** Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/141662/ISSN2357-7819-2014-2839-2849.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

TARTARO, T. F; **Por uma Formação do Professor de Matemática.** Rio Claro. 2015.

VITTI, C. M. **Matemática com prazer, a partir da história e da geometria.** 2. ed. Piracicaba – São Paulo. Editora UNIMEP. 1999. 103p.